



Acabou a ditadura! Povo volta a sorrir



Um carnaval espontâneo e carregado de esperança tomou conta de todo o país para comemorar a vitória de Tancredo Neves e o fim de quase 21 anos de ditadura militar. Eleito por 480 votos, contra 180 para o odiado Paulo Maluf, Tancredo reafirmou em seu primeiro discurso o compromisso com “mudanças reais, efetivas, corajosas, irreversíveis”. Prometeu uma Constituinte com ampla participação popular, criticou as multinacionais e concluiu citando Tiradentes. A votação histórica, uma opinião do dirigente comunista João Amazonas e a festa do povo nas pág. 3 e 10.

EDITORIAL

Derrota do golpe

Afinal, quem saiu vitorioso e quem foi derrotado no processo político que culminou com a escolha de Tancredo Neves para a Presidência da República? A indagação tem procedência diante das afirmações arrogantes de Paulo Maluf, declarando-se vitorioso porque “garantiu” o processo democrático, e do Exército que, em nota oficial, considera a eleição de 15 de janeiro como uma vitória da “Revolução de 1964”.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer, queiram ou não os generais, que o grande vitorioso desta luta foi o povo. Não fossem as multidões nas ruas em todo o país e certamente o regime militar teria condições de impor o continuísmo tramado e tentado por várias vezes. Venceram também todos os que lutam pela democracia e a liberdade, e todos os que romperam — pelos mais variados motivos — com a oligarquia dominante.

O grande derrotado, por mais que esbravejem os fascistas, foi exatamente o golpe militar de 1964, o regime arbitrário implantado nestes 21 anos pelas Forças Armadas. Em torno da candidatura Tancredo Neves uniram-se todas as forças contra a corrupção, contra a violência policial, contra a tortura, contra a censura à imprensa, contra o arrocho salarial, contra a submissão ao FMI, contra as mordomias, contra o monopólio do poder nas mãos dos generais. Foi batido também, fragorosamente, o legítimo representante destas mazelas, Paulo Maluf.

Foram derrotadas todas as falcatruas forjadas pelos ocupantes do Planalto para se perpetuarem no poder, e que tiveram como produto mais acabado o Colégio Eleitoral, criado da forma mais vergonhosa para garantir a eleição de quem fosse escolhido pelas cúpulas militares. Foram derrotadas as articulações golpistas evidentes, apesar de cinicamente negadas por seus autores, para

tentar virar a mesa quando a candidatura Maluf entrou em desagregação em outubro.

O regime militar tinha como peça chave o monopólio do poder nas mãos dos generais. Jamais admitiu que a oposição pudesse alcançar a Presidência. Só cedeu quando o povo levantou-se e ocupou as praças públicas gritando por liberdade.

A declaração dos comandos militares em defesa da odiada “Revolução” de 1964 só serve para alertar os brasileiros para o imenso trabalho ainda por fazer, no sentido de sepultar a herança macabra do militarismo, infiltrada em todos os poros da administração pública, das empresas estatais e de todas as instituições do país. Apesar de repudiados e derrotados, os generais oferecerão ainda uma grande resistência para não cederem as posições e os privilégios obtidos nestas duas décadas. Na linguagem popular, farão tudo para não largar as tetas generosas do poder.

Não se trata de promover o revanchismo. Isto não é interesse nem do povo nem da democracia. Mas varrer escrupulosamente as injustiças, as arbitrariedades, a prepotência, o roubo desavergonhado do tesouro público, é uma tarefa elevada, indispensável ao progresso da nação e ao bem estar dos brasileiros. Fazer respeitar os direitos dos trabalhadores e afastar dos postos-chaves os aproveitadores é uma exigência inadiável.

Venceu o povo, venceu a esperança de liberdade. Impõe-se aos brasileiros concretizar esta vitória promovendo as mudanças discutidas e apoiadas pela imensa maioria da população durante a imponente campanha democrática que desembocou na eleição de Tancredo Neves em 15 de janeiro. Este é o compromisso maior do governo a ser empossado em 15 de março. Esta será a exigência permanente das massas que, como declarou o próprio presidente eleito, não se dispersarão.

Marcha-à-ré da China no rumo do capitalismo

Passados 35 anos da vitória da revolução popular, o país afunda no capitalismo sem disfarce e abre as portas às multinacionais. Pág. 5

Patrões apelam: horas-extras em vez de empregos

Estatísticas oficiais e sindicatos mostram que os capitalistas preferem aumentar jornada de trabalho a abrir novas vagas nas empresas. Página 6

Povo da Albânia socialista cria uma nova vida

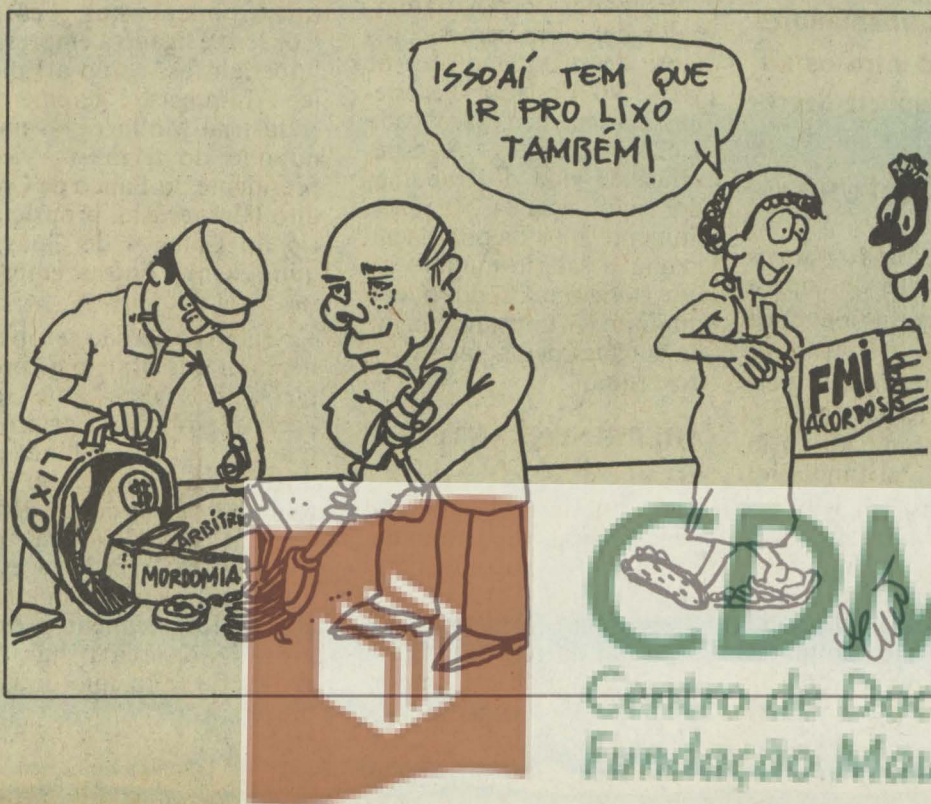
Presidente da Associação de Amizade Brasil-Albânia relata conquistas de 40 anos de revolução. Página 2



Sertãozinho: policiais espancam grevista indefeso

PM desfere ataque covarde à greve dos canavieiros

Reivindicações dos trabalhadores agrícolas da região de Ribeirão Preto foram tratadas como “caso de polícia”. Reportagem na página 7



Desligamento dos deputados que votaram em Tancredo aguça a crise no PT

Encontro petista vota pela expulsão de três deputados por terem votado em Tancredo em vez de obedecer à linha de “boicote ao Colégio”. Pág. 4

Inverno rigoroso desnuda mazelas sociais da Europa

Um intenso frio se abateu sobre a Europa nos últimos dias e até segunda-feira passada havia causado a morte de pelo menos 250 pessoas. Grande parte das vítimas é constituída por pessoas que sobreviviam em estado de extrema miséria. A tragédia trouxe à tona a outra face das sociedades do velho continente.

Acidentes naturais e inevitáveis provocados pela neve também têm pesado como causa das mortes. Entretanto, a grande maioria das vítimas é, antes, vítima das profundas contradições que abalam o sistema dominante na Europa — o capitalismo. É a multidão de pobres e miseráveis atingidos duramente pelo desemprego, baixos salários e outras chagas próprias do sistema.

FLAGELADOS DE PARIS

A França, que registrou o maior número de mortes em consequência do inverno (cerca de 120 até segunda-feira), oferece uma boa ilustração da tragédia. A principal causa do problema, reconhecido pelas autoridades, é a existência de um enorme contingente de pessoas sem moradia, principalmente nos centros urbanos.

Só em Paris, de acordo com o último recenseamen-

to, existem 22 mil pessoas "desabrigadas". As mortes por frio vitimaram mendigos (os chamados *clochards*), desempregados e pobres sem moradia. Somase, ainda, o fato de que muitas famílias não dispõem de calefação em casa. As estações de metrô tiveram de ser franqueadas dia e noite para abrigar flagelados.

Na Suíça, mendigos e desabrigados alojaram-se dentro de ônibus. Na Espanha (onde até quinta-feira, dia 10, 26 pessoas haviam morrido), um garçon foi encontrado morto nas ruas de Madri, congelado na porta de sua casa. As temperaturas nesses países alcançaram de 20 a 51 graus abaixo de zero.

CRIANÇAS DESPROTEGIDAS

Em Nápolis, mil crianças sofreram perturbações bronco-pulmonares derivadas do frio rigoroso. Isso porque, desde o terremoto

de 1981, elas moram em *trailers*, devido à negligência do governo. Na Emila Romagna, também na Itália, um casal de velhos morreu abraçado na rua, congelado.

Evidentemente abundam os exemplos de que o inverno na Europa é mais ou menos rigoroso, segundo as classes e os grupos sociais que atinge. E faz suas vítimas, na maioria das vezes, entre trabalhadores, desempregados e mendigos.

As agências de notícias, dominadas pela burguesia, entretanto, buscam encobrir esse fato. Só informam, quando constrangidas pela tragédia, o que julgam indispensável para manter as aparências de um jornalismo pretensamente imparcial e desligado dos interesses de classe.

FALSA IMAGEM

A imagem levada ao povo sobre a realidade desses países pela imprensa burguesa faz crer que o velho continente capitalista é um paraíso da democracia e da plena justiça social. É uma falsa imagem, que essa tragédia possui a virtude de desmentir.

Centro de vários países imperialistas (França, Inglaterra, Alemanha e Itália), a Europa vem sendo

sacudida por agudas contradições, particularmente nos últimos anos. Embora o proletariado lá seja beneficiado por uma série de conquistas trabalhistas (o salário-desemprego existente em boa parte dos países, salários maiores do que nos chamados países subdesenvolvidos, etc), as chagas sociais são enormes.

Apesar da existência de uma aristocracia operária, que em certa medida participa dos frutos da exploração imperialista, de um lado, no outro se verifica um contingente cada vez maior de pobres e miseráveis. Inclusive de mendigos que, como mostrou Marx, desde os primórdios do capitalismo constituem uma forma de existência da população excedente que o sistema cria e reproduz continuamente. Um subproduto do desemprego.

DESEMPREGO CRESCENTE

O desemprego atinge o velho continente como uma doença incurável, que só tem feito crescer dia a dia. Na Inglaterra, o número de desempregados é de 3,2 milhões, cerca de 13,4% da população economicamente ativa; na França, são 2,36 milhões; na Alemanha, 2,27 milhões. Na Espanha, 20% da população ativa é atingida pelo mal, que assola, com igual intensidade, a Itália e outros países capitalistas.

A burguesia tem respondido ao problema intensificando as medidas de repressão contra os trabalhadores, com a militarização crescente do Estado e a redução das liberdades políticas e sindicais, como mostra a repressão à greve dos mineiros na Inglaterra.

A classe operária e os trabalhadores, do outro lado, têm travado poderosas batalhas contra o desemprego. Dos muitos exemplos, destacam-se a greve vitoriosa dos metalúrgicos e gráficoss alemães pela redução da jornada de trabalho e a greve dos mineiros britânicos, contra o fechamento das minas (decidido pelo governo de Margaret Thatcher), que já dura mais de 10 meses.

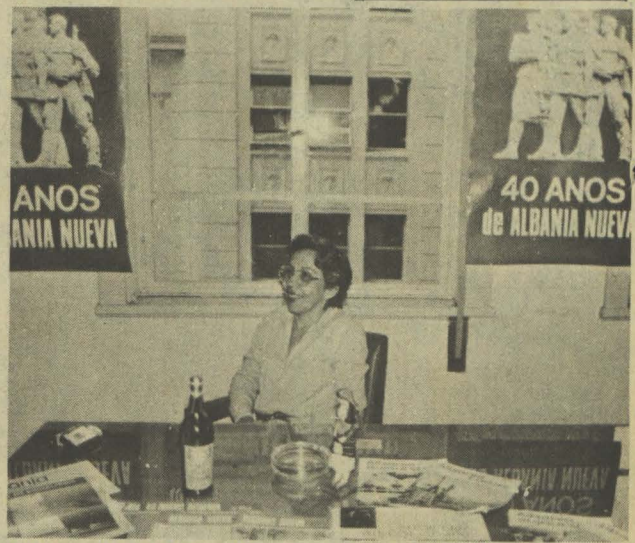
São lutas de grande importância que, embora ainda circunscritas a reformas específicas, terão de evoluir para batalhas maiores, de qualidade superior, capazes de colocar em xeque a própria raiz do mal: o sistema capitalista. Só assim terão frutos duradouros, a partir da construção de um novo regime social, o socialismo, que proporcionará ao velho continente uma sociedade verdadeiramente democrática e justa.



Nas ruas, danças típicas albanesas para comemorar 40 anos de libertação

"O povo albanês não tem incerteza do dia de amanhã"

"O albanês é bem vestido, bem alimentado, sadio. Um povo que trabalha tranquilo, sem aflição, sem a incerteza do dia de amanhã. Um povo muito alegre." As afirmações são da presidente da Associação de Amizade Brasil-Albânia (AABA), Vânia Ribeiro, que recentemente visitou o país que constrói o socialismo vitorioso.



Vânia, da AABA: "Eu vi um povo feliz"

entre a cidade e o campo não são acentuadas. Trabalhadores das cidades e do campo moram com conforto, em todas as casas tem tevê, máquina de lavar e geladeira. Todo o país está eletrificado".

Segundo a presidente da AABA, a unidade do povo com o Partido do Trabalho da Albânia é surpreendente: "Nas festas dos 40 anos da libertação do país, em novembro, em todas as cidades foram feitas comemorações. Nas empresas, fazendas e escolas os trabalhadores e estudantes premiam os colegas que mais se destacaram no trabalho e na construção da pátria socialista, depois brindaram e dançaram. Caravanas foram organizadas em todas as cidades e povoados para participar da festa oficial, em Tirana".

LIBERADO PARA CRIAR

Vânia ficou impressionada com o número de museus, casas de cultura, teatros e escolas que viu nas várias cidades albanesas. "Sob a direção do PTA, o povo está mobilizado para preservar sua identidade cultural e recuperar-se dos 500 anos de dominação otomana, além do atraso causado pela influência da Igreja Ortodoxa. Nas ruas e praças, vi crianças com livros e instrumentos musicais nas mãos. Nas empresas são organizados grupos musicais, de dança folclórica. Assisti a orquestras e corais, e neles havia velhos e jovens, com um repertório clássico e popular. A pintura é muito diversificada. A talha é muito bem elaborada. O socialismo liberou o povo para criar!"

A Albânia sofre pesado cerco dos países capitalistas e revisionistas. "O povo albanês tem um senso apurado de sua responsabilidade para com a defesa de sua pátria ameaçada. Vi casamatas em todos os cantos do país. Todo cidadão sabe para onde ir no caso de um ataque ao país."

Os albaneses estão conscientes dos problemas que têm a enfrentar, mas estão tranquilos, pois confiam na direção clarividente que o PTA lhes dá. "Um parque industrial e uma agricultura avançada são a tônica dos seus planos. A elevação constante do nível de vida e do bem-estar do povo é a sua preocupação central. É um país sem dívida externa, sem desempregos, sem inflação, que já vive, hoje, a felicidade", diz Vânia.

PRIORIDADE É O POVO

No Brasil dominado pelos generais, "exportar é a solução", e o povo amarga a crise econômica, política e social de maior proporção de toda a história do país. Diferente é a Albânia, onde a classe operária é a detentora do poder. "Os albaneses primeiro garantem as suas necessidades internas, depois pensam na exportação", explica Vânia Ribeiro. "Os produtos albaneses, pela sua qualidade, são muito bem recebidos no mercado externo. A Albânia não vende nada em *natura*, mas industrializa os produtos que exporta. A prioridade é o atendimento às necessidades internas. Em 1984, por exemplo, houve 15 rebaiamentos de preços de gêneros de primeira necessidade. E, naturalmente, não houve nenhum aumento. Na Albânia é assim: quando há remarcação de preços é porque eles baixaram, nunca porque subiram..."

Ao contrário do que dizem os inimigos do socialismo, "a Albânia não está sozinha ou isolada", conta a presidente da AABA. "Existem mais de 50 associações de amizade com a Albânia, e o país mantém relações diplomáticas e comerciais com mais de 100 países. Na festa dos 40 anos de vitória da luta de libertação nacional, havia representantes de países de todos os continentes. E, também essa, uma vitória do socialismo."



Na Itália o frio ultrapassou os -40°, e até em Roma nevou (ao fundo, o Coliseu)

Equador luta contra as leis do FMI

A sangüinária repressão do governo de León Febres Cordero resultou em oito mortos, dezenas de feridos e mais de 600 presos no Equador, nos dias 8, 9, 10 e 11 últimos. Operários e demais trabalhadores realizaram uma greve geral dias 8 e 9 contra os aumentos nos preços da gasolina e do transporte decretados pelo governo, a mando do FMI.

Trata-se da segunda greve geral contra as medidas antipovo de Febres Cordero, que assumiu o governo no segundo semestre de 1984. Já em 1982, 1983 e mesmo antes da posse de Cordero, em 1984, os trabalhadores equatorianos haviam realizado combativas greves gerais contra a política econômica ditada pelo FMI. Agora, diante da feroz repressão e do não-atendimento de suas reivindicações, os trabalhadores ameaçaram realizar uma nova greve, desta vez com duração ainda mais prolongada.

CRISE PROFUNDA

O pano de fundo para essa luta vigorosa dos operários e demais trabalhadores é a profunda crise que vive o país, exaurido pelo peso da dívida externa e por sua economia dominada pelos oligarcas e latifundiários. Em 1982 existiam 1 milhão e 200 mil desempregados no Equador — isto num país em que a população economicamente ativa é de menos de 3 milhões de habitantes! A inflação, que entre 1970 e 1980 não chegava a 15%

anuais, em 1983 pulou para mais de 50%, e em 1984 foi ainda maior.

Espoliado, o povo amarga o deterioramento constante de suas condições de vida. No Equador há apenas um médico para cada 1.622 habitantes. A esperança de vida do trabalhador não alcança 50 anos. Somente 30% da população ganha o salário-mínimo ou um pouco mais do que o mínimo — constantemente arrojado pelos sucessivos governos.

REPRESENTANTE DA REAÇÃO

A chefia do governo vende-pátria foi assumida, em agosto passado, por León Febres Cordero, que "representa o setor mais atrasado da oligarquia, dos grandes capitalistas, importadores e exportadores,

banqueiros e industriais, latifundiários e grandes empresários", denuncia o Partido Comunista do Equador (marxista-leninista). Febres Cordero é ligado a empresas imperialistas, como a Emelec e Liguigás, é gerente da Industrial Molinera — monopólio do trigo —, vice-presidente do Banco de Crédito Hipotecário, proprietário do Canal 4 de Guayaquil, dentre outras empresas.

Seu governo não resolveu nenhum dos principais problemas do país — antes, os agravou. A dívida externa, que era de 2,19 bilhões de dólares em 1980, saltou para mais de 8 bilhões de dólares em 1984. E a ação de Cordero em relação a esse grave problema tem sido a de aplicar fielmente a desmoralizada cartilha do FMI, que só faz piorar a situação.



Adquira a sua Agenda da Mulher

Publicação do PMDB-RS. Pedidos à Editora Anita Garibaldi, com o envio de cheque no valor de Cr\$ 5 mil. Rua Brig. Luís Antônio, 317, sala 43, CEP 01317, São Paulo, Capital. Fone: 34-0684

Centro de Documentação e Memória Fundação Mauricio Grabois

Tancredo: "Vim para promover mudanças reais e corajosas"

Já como presidente eleito, Tancredo Neves fez, no próprio dia 15, um primeiro discurso à nação, positivo, de conteúdo liberal, coerente com toda a sua vida política. Assinalou o fim do regime de arbítrio "depois de ilusões perdidas e pesados sacrifícios" e o reencontro com o "bom e velho caminho democrático".

Por duas vezes, incisivo, o ex-governador mineiro repetiu: "Vim para promover mudanças, mudanças políticas, mudanças econômicas, mudanças sociais, mudanças culturais, mudanças reais, efetivas, corajosas, irreversíveis". Foi calorosamente aplaudido.

De acordo com o sentimento geral imperante no país, o novo presidente definiu de forma explícita a importância da Assembleia Constituinte: "Deveis discutir, nos próximos meses, em todos os auditórios, na imprensa e nas ruas, nos partidos e nos parlamentos, na universidade e nos sindicatos, os grandes problemas nacionais e os legítimos interesses de cada grupo social... A Constituição não é assunto restrito aos juristas, aos sábios ou aos políticos. Não pode ser ato de algumas elites. É responsabilidade de todo o povo".

"Constituinte é responsabilidade de todo o povo"

Chamou atenção especialmente o reconhecimento do papel decisivo do povo neste processo democrático. Depois de referir-se à Inconfidência Mineira, às insurreições pela República e às lutas pelos direitos civis na Primeira República, Tancredo Neves foi taxativo: "A história situará na eternidade o espetáculo inesquecível das grandes multidões que (...) vieram para as ruas reivindicar a devolução do voto popular na escolha direta para a Presidência da República". Ele acrescenta: "Não sei avaliar quando o povo foi maior: se quando rompeu as barreiras da repressão, e veio para as ruas gritar pelas eleições diretas, ou se quando, nisso vencido, não se submeteu e, com extrema maturidade política, exigiu que agíssemos dentro das regras impostas, exatamente para revogá-las e destruí-las".

Mais enérgico do que em declarações anteriores, o candidato vitorioso das oposições denuncia "a luta pelo domínio de mercados, pelo controle de matérias primas, pela hegemonia política" em plano internacional. E acusa as empresas multinacionais: "Aparentemente desvinculadas de suas pátrias de origem, tais organizações servem, fundamentalmente, a seus interesses.

"Não cairemos no erro de recorrer à recessão"

No terreno econômico, promete retomar o crescimento e, em particular, combater a inflação. Critica as orientações econômicas do regime militar, indicando: "não cairemos no erro grosseiro de recorrer à recessão como instrumento deflacionário" e que "o desenvolvimento social não pode ser considerado mera decorrência do desenvolvimento econômico". Combate ainda as concepções dos generais ao afirmar: "Temos que reconhecer e ad-

mitir, como objetivo básico da segurança nacional, a garantia de alimento, saúde, habitação e transporte para todos os brasileiros".

Sintomaticamente o discurso não contém sequer uma palavra sobre a dívida externa. Este será certamente um ponto de acirrada polêmica dos setores mais progressistas e populares com o novo governo. Uma orientação econômica sem independência em relação aos banqueiros internacionais e sem deter a fabulosa evasão de divisas dedicadas ao pagamento de juros e amortizações da dívida, não terá condições de enfrentar a grave crise que atormenta o país.

Críticas aos monopólios e ao latifúndio

De acordo com suas idéias liberais, Tancredo defendeu a propriedade privada e a livre iniciativa. Seria ilusão pensar que não fosse assim. Mas é altamente positivo que ele tenha acrescentado: "Exatamente por isso adotaremos medidas que venham a democratizar o acesso à propriedade, e a proteção a pequenas empresas (...) Defender a livre iniciativa e a propriedade privada é defendê-la dos monopólios e do latifúndio".

Segundo este mesmo modo de pensar — combatido há 21 anos a ferro e fogo pelos golpistas de 1964 — Tancredo fala em entendimento nacional, assinalando que isto "não exclui o confronto de idéias, a defesa de doutrinas políticas divergentes, a pluralidade de opiniões". Fala ainda em conciliação "para a defesa da soberania do povo, para a restauração democrática, para o combate à inflação, para que haja trabalho e prosperidade em nossa pátria". Afirma rejeitar "a conciliação de elites, o ajuste que visasse à continuação dos privilégios, à manutenção da injustiça, ao enriquecimento sobre a fome".

Finalizando Tancredo retoma o apelo à campanha democrática que o levou à Presidência da República e afirma: "Não vamos nos dispersar".

Transformações dependem do povo unido nas ruas

É um pronunciamento afinado com a longa trajetória liberal de Tancredo Neves, e de acordo com as posições que veio assumindo durante a campanha. Em vários pontos é mais avançado e progressista. Sua realização prática, a conquista de novos espaços para o povo, para a democracia e para a soberania nacional e, sobretudo, a conquista de condições para as futuras transformações em profundidade e de caráter popular, dependerão fundamentalmente do grande artífice da vitória que ora se festeja: o povo unido, organizado, nas ruas, lutando por seus direitos.



Foto: César Diniz

Placar na Praça da Sé anuncia o resultado final: o povo comemora a vitória esmagadora da oposição e o fim do regime militar

Vitória esmagadora: 480 a 180. Começa uma nova era no país

Quando o deputado João Cunha, do PMDB paulista, deu o voto 344, consolidando a vitória de Tancredo Neves, o Brasil explodiu de alegria. Afinal, após 20 anos de ditadura, estava se inaugurando uma nova era no país com a vitória oposicionista no Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro. O regime militar e seu candidato foram fragorosamente derrotados.

A vitória do candidato da Aliança Democrática foi esmagadora. Tancredo teve 480 votos contra apenas 180 votos dados pelos convencionais para Paulo Maluf, candidato do regime militar. Apenas 17 delegados votaram em branco e houve nove ausências. Uma vitória incontestável, que reflete o apoio da ampla frente formada em torno do candidato oposicionista e o decisivo apoio do povo brasileiro.

"MALUF NO XADREZ"

Logo que a vitória ficou definida, com o voto 344, a festa começou. Dentro do plenário do Congresso, os delegados aplaudiam e jogavam papéis picados para o alto. No auditório Petrólio Portella, onde estavam Tancredo Neves, José Sarney e seus convidados, a euforia foi total. Palmas, abraços, beijos, tudo num clima de intensa confraternização. Houve até o tradicional brinde de champagne dado pelo ex-deputado Márcio Moreira Alves e pela cantora Fafá de Belém.

Já o candidato derrotado não teve motivos para comemorar, apesar de tentar manter seu sorriso arrogante. Ao deixar o plenário para ir cumprimentar o novo presidente eleito, o deputado Paulo Maluf quase apanhou. Sua passagem pelo Salão Verde da Câmara de Deputados foi tumultuada, com as pessoas vaiando, gritando e xingando. Um irmão que percorreu o Brasil durante a campanha oposicionista ecoou forte dentro do Congresso Nacional: "um, dois, três, Maluf no xadrez". A sua segurança pessoal, nervosa, distribuía safares. Com muita dificuldade, o candidato do regime chegou até o local onde estava Tancredo Neves, cumprimentou-o e foi embora, debaixo de um profundo silêncio. Estava terminado seu delírio fascista.

Enquanto isto, a festa continuava crescendo dentro do Congresso. Tancredo apareceu na sala dos convidados para comemorar a vitória e lá recebeu o telefonema do general Figueiredo. Depois, debaixo de intensos aplausos, dirigiu-se para o plenário da Câmara dos Deputados, onde fez seu primeiro discurso como presidente eleito. O discurso foi interrompido diversas vezes por aplausos, principalmente quando garantiu que essa foi a última eleição indireta do país, prometeu que não adotará uma política econômica recessiva e convocou a Assembleia Nacional Constituinte. Ao final do discurso todos cantaram, emocionados, o Hino Nacional. Começava a Nova República. Estava terminada a ditadura. Nas ruas de todo o país o povo cantava e dançava em homenagem à democracia. (da sucursal)

Amazonas saúda a vitória

O ex-deputado constituinte de 1946 e veterano dirigente do Partido Comunista do Brasil, João Amazonas, acompanhou toda a sessão do Colégio Eleitoral no Auditório Petrólio Portella, como convidado da Aliança Democrática. Depois de proclamado o resultado final, Amazonas foi até a sala reservada onde estavam os candidatos e seus familiares e cumprimentou Tancredo Neves, saudando a sua vitória e desejando que faça um governo que promova as mudanças esperadas pela nação brasileira.

A presença de Amazonas entre os convidados da Aliança Democrática é um exemplo concreto da nova situação política que se abre para o país com a derrota do regime militar e o fim do autoritarismo. Na eleição indireta anterior, em 1978, Amazonas, como centenas de outros líderes oposicionistas, estava no exílio. Agora, no limiar da Nova República, o dirigente comunista participou ativamente da vida política brasileira, acompanhando a eleição do novo presidente em Brasília e mantendo diversos contatos com as lideranças da Aliança Democrática.

Depois de proclamado o resultado da eleição, João Ama-



Amazonas: convidado da AD

zonas disse à **Tribuna Operária** o que espera do futuro governo: "Esse histórico episódio assinala sobretudo a vitória do povo brasileiro, que foi o construtor maior dessa nova perspectiva que se abre para o nosso país. Se a mobilização popular foi importantíssima para a construção dessa vitória, essa mesma mobilização e conscientização popular será ainda mais importante para a nova etapa que temos pela frente. Minha esperança é que no futuro governo o povo possa continuar empurrando esse processo para que conquiste novas e mais significativas vitórias. Sem dúvida, com a eleição de Tancredo Neves começa uma nova era em nosso país".

"Tancredo encontrará o país arrasado"

O vice-líder do PMDB na Câmara Federal, deputado Haroldo Lima, da Bahia, concedeu à **Tribuna Operária** entrevista analisando o que o presidente eleito, Tancredo Neves, encontrará pela frente.



Haroldo: "Quanto devemos?"

uma reforma partidária ampla, que permita a organização livre de todas as correntes que atuam no país, entre as quais o Partido Comunista do Brasil; uma reforma eleitoral, inclusive com recadastramento de eleitores em regiões onde a fraude é mais flagrante, como o Nordeste; e a garantia de acesso aos meios de comunicação. A liberdade de organização partidária deverá vir em 1985, de modo a permitir que os partidos que venham a ser registrados possam se preparar para a Constituinte em 1986. Finalmente, se coloca a necessidade de eleições diretas para os prefeitos das capitais, das áreas de segurança, estâncias hidrominerais, e a representação política para o Distrito Federal. São medidas

fundamentais no quadro de reformas políticas mais amplas, que passam pelo restabelecimento das prerrogativas do Legislativo e do Judiciário, pela reforma tributária e pelo desmonte do aparato repressivo, inclusive no nível legislativo.

T.O.: Como se coloca o desafio a ser enfrentado no campo econômico?

Haroldo: O desafio que o governo de transição enfrentará é extremamente dramático. O país está com a soberania ferida, com o seu povo esmagado por uma crise que o levou a uma situação de absurda miséria. O tratamento dessa situação passa pela questão da dívida externa. Tancredo Neves afirmou, em entrevista coletiva dia 17, que "pagaremos o que devemos." Mas a discussão é: "O que devemos?" A CPI da dívida externa levantou sérias suspeitas sobre a constituição, o crescimento da dívida e, principalmente, sobre quem efetivamente levou vantagem nessa história. O caminho para a solução da crise não pode passar pelo sacrifício dos trabalhadores, que amargam tal situação pelo menos desde o golpe de 1964. Daí porque não é uma tregua entre os que pagaram e os que usufruíram, para manter os primeiros na miséria, que permitirá ao país sair desta situação calamitosa. Devem ser exigidos compromís-

os explícitos da classe patronal como a trimestralidade, a semana de 40 horas, a liberdade e autonomia sindicais, a revogação da Lei de Greve, entre outras coisas.

T.O.: Qual a possibilidade da punição dos responsáveis pelos grandes escândalos do país, especialmente no setor financeiro?

Haroldo: No dia 17, Tancredo afirmou: "Puniremos severamente os responsáveis por escândalos." Mas, entendeu que cabe ao Judiciário apreciar os casos passados. Nós compreendemos que isso deverá ser feito inclusive pela denúncia pública, pela abertura das informações disponíveis à imprensa e à sociedade organizada e pela apuração rigorosa dos inúmeros escândalos ainda encobertos sob o manto do autoritarismo.

T.O.: A postura de Tancredo em relação à América Latina satisfaz os setores progressistas que o apoiaram?

Haroldo: Tancredo tem-se comprometido seguidamente com a autodeterminação dos povos e contra a intervenção estrangeira, especialmente na América Latina, onde o imperialismo norte-americano ameaça pôr mais uma vez suas patas. É uma postura bastante avançada. Ele chegou a afirmar, inclusive, que apoiará intransigentemente as forças democráticas no Chile.



Comício petista anti-Tancredo em São Paulo: antipática ao povo

PT em crise expurga três parlamentares

Num Encontro Nacional sem quórum, com delegações de apenas cinco Estados e Brasília, o PT decidiu dia 13 expurgar três de seus oito deputados federais (Airton Soares, Bete Mendes e José Eudes), por votarem em Tancredo no Colégio Eleitoral. E reafirmou a linha que, na contra-mão da luta democrática, afundou o partido em sua pior crise interna.

Até o deputado Luís Dulci, que seguiu a linha oficial petista e não foi ao Colégio, argumentava no Encontro: "Em Minas há pessoas que deixarão o partido caso se adote a posição proposta por São Paulo (que foi a vencedora). Pelo que eu conheço de Minas, e do Rio de Janeiro, seria desastrosa essa atitude. Isso pode acabar com o partido em Minas Gerais".

Quase toda a direção, a começar por Lula, buscou uma punição menos drástica para os três deputados, que com exceção de Airton desejavam ficar no partido. Mas venceu a proposta de São Paulo (que tinha 84 votos, quando os demais Estados somavam apenas 22 votos e o Diretório Nacional 42 votos). Por 65 contra 38, seis abstenções e 39 delegados ausentes na votação, os chamados "traidores" foram excluídos.

A direção, contrariada (embora não surpreendida), articulou um recurso para reverter os desligamentos. Já os atingidos denunciaram em nota conjunta os "métodos e práticas que nem o sr. Paulo Maluf logrou impor ao PDS" e a existência de "um amplo processo de expurgo" em curso.

CRISE DE LONGO FÔLEGO

O episódio agrava uma crise já longa, iniciada desde que o PT adotou a linha de "boicote ao Colégio Eleitoral", visando atingir a candidatura Tancredo. Com isso o partido não só escolheu um caminho antipático à grande maioria dos trabalhadores. Também detonou uma luta interna que o paralisou desde agosto e só não causou um colapso completo porque o esvaziamento antecipado da candidatura Maluf fez murchar também a importância dos oito votos petistas no Colégio Eleitoral.

Na busca de uma saída, a di-

reção fez uma consulta às bases do partido sobre a atitude a tomar frente ao Colégio, mas a emenda saiu pior que o soneto. Segundo dados oficiais do PT, participaram da consulta apenas 21.393 pessoas, ou seja, 7,5% do total de filiados. E os encontros estaduais que prepararam a reunião nacional só atingiram o quórum mínimo em um Estado de peso, São Paulo (os outros encontros que deram quórum foram os do Acre, Rondônia, Goiás, Brasília e Santa Catarina).

Isso reforçou o baixo astral do Encontro. Logo na abertura, o secretário-geral Francisco Weffort avaliou que a reunião "é frágil mesmo, não vou mentir para ninguém". Queixou-se de que o partido só existe como tal em São Paulo, de uma situação interna de "confusão no Rio", de "crise na Bahia" (onde há duas direções do PT e um grupo que não reconhece nenhuma delas), de um "desequilíbrio geral" e "tremendas dificuldades". E o resultado não deve ter diminuído o pessimismo de Weffort, um dos que não queriam expurgar os deputados. Pode corresponder ao pensamento da militância petista, cuja dimensão é dada pelos participantes da consulta. Porém aumenta o desligamento desta com o povo trabalhador.

ENFIM A CONSTITUINTE
Como consolo para tanta má notícia, o PT aderiu afinal à tese da Assembleia Constituinte, livre e soberana, pondo termo a uma relutância que vinha desde sua fundação em 1980. Assim, o PDS passa a ser o único partido do país a não defender a Constituinte. A adesão do PT, porém, é ainda envergonhada: ele aceita a bandeira argumentando que ela é inevitável, e não que é justa e benéfica à causa popular.

FMI aperta mais na 7.ª Carta de Traição

O governo brasileiro entregou para o FMI a sétima Carta de Traições bem no dia em que Tancredo Neves vencia no Colégio Eleitoral. O documento, que não tocou na mudança de governo, impõe sem a menor cerimônia recessão e inflação nos três primeiros meses da gestão Tancredo.

Alguns compromissos assumidos na Carta representam uma interferência direta na gestão Tancredo: "O governo está determinado a assegurar que o Brasil continuará mantendo-se em dia com todos os seus pagamentos externos e aplicando as mínimas valorizações do cruzeiro..."

E se o novo governo desenvolver uma nova política cambial? E se, ao se tornar conhecido na real situação da dívida, ficar clara a injustiça de vários pagamentos de juros, comissões, taxas etc?

Outros trechos são ainda mais cínicos: "É de importância decisiva implementar-se uma política monetária rígida"; "o valor das obrigações financeiras continuará a ser determinado ao final de cada mês, em nível não inferior ao da taxa de inflação". Ou seja, não querem que se mexa na correção monetária, ponto-chave na especulação financeira, nem que sejam liberados os créditos para o desenvolvimento da economia.

Uma prova de que os ban-

queiros internacionais estão mesmo forçando a barra é que as metas econômicas e principalmente as formas de controle estão mais rígidas do que nas outras Cartas. As inspeções de controle do FMI, em vez de serem trimestrais, tornam-se mensais, no mínimo até junho de 85.

O FMI está apertando o torniquete no pescoço das estatais. A sétima Carta impõe que o lucro das empresas estatais não financeiras seja repassado ao Banco Central, num total de 900 bilhões no 1º trimestre e de 2,6 trilhões no 2º trimestre. É um verdadeiro rapa nas finanças das empresas públicas, uma estratégia que visa impedir uma retomada da economia e enfraquecer o setor público.

Enquanto isso, num desrespeito ainda maior, o sr. Pastore acelera as negociações para amarrar o Brasil ao FMI e aos banqueiros até o ano 2000. Nos gabinetes dos bancos e Ministérios, Figueiredo vai fechando seu governo com chave de lata (ouro já não temos).

Luiz Gonzaga

Como fica o quadro partidário

A solução Tancredo para a crise sucessória começa a produzir um novo quadro partidário no país, entre outros efeitos colaterais. Antes mesmo da reforma na legislação partidária e eleitoral, prometida por Tancredo Neves, e da conquista da legalidade dos partidos hoje ilegais, a bipolarização anterior cede lugar para uma situação mais complexa.

A mudança se dá exatamente ao contrário do que planejavam os generais (veja o quadro). Eles queriam desagregar a oposição. E quem sai em frangalhos é o bloco que sustentava o regime militar.

O PMDB aparece como primeiro partido, com perto de 200 deputados federais, 25 senadores e nove governadores. Num modesto segundo lugar, o PDS soma pouco mais de 130 deputados, 23 senadores e três governadores. Logo atrás vem uma novidade, o PFL, que promete chegar a 100 deputados, 20 senadores e 10 governadores.

VIÚVAS DO PDS VÃO À LUTA

O PDS é o grande perdedor da sucessão: reduziu-se à metade do que era e nem por isso está pacificado. É palco de uma luta feroz entre adeptos e adversários do deputado Paulo Maluf, que tomou a direção pedessista de assalto e, findo o sonho presidencial, continua a jogar duro para ficar ao menos como senhor absoluto do que resta do partido.

O resultado de 15 de janeiro indica que isso é possível. A tentativa de torpedear Maluf através do voto em branco foi seguida por apenas 17 membros do Colégio. Caso o ex-candidato enfunde o PDS, este atuará como um bunker da ultradireita, com seus traços fascistas exacerbados e em oposição sistemática ao governo Tancredo. Um exemplo de até onde vão os malufistas é sua extravagante adesão à candidatura de Alencar Furtado à presidência da Câmara dos Deputados, buscando apenas desgastar Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, lançado para o mesmo cargo.

Um PDS malufista puro-sangue, porém, será ainda menor. Figurões pedessistas como Nelson Marchezan, Jair Soares, Leitão de Abreu e Jarbas Passarinho reagem a hipótese com afincos, talvez tarde demais.

Ao vencedor da disputa caberá o espólio do PDS; mas também uma legenda execrada pelo povo, que na eleição de 1984 em Santos teve 3% dos votos. Fina a ditadura da direita fardada, um partido de direita não tem futuro, carece de base. O PDS é uma estrela em extinção.

A BASE DE CLASSE DO PFL

O recém-nascido PFL (Partido da Frente Liberal), exultante, registra formalmente dia 24 seu programa e estatutos.



Redefinição no leque dos partidos: PMDB vai para cima; PDS cai para um discreto segundo lugar, seguido de perto pelo PFL

tos. Coube a ele o mérito de deslocar em favor das oposições a balança da crise sucessória. Por isso projeta uma imagem liberal, sintonizada com determinados anseios democráticos do povo, como eleições diretas.

A rigor não se trata propriamente de um partido liberal — denominação que caberia melhor ao PMDB. O PFL encaixa-se mais no figurino de um partido conservador, a começar por sua base social. Representa as classes dominantes do Nordeste, onde impera o latifúndio, e setores da grande burguesia, em que os banqueiros têm lugar de destaque.

Os componentes do PFL, após servir à ditadura, voltaram-lhe as costas. Prepararam-se para atuar dentro do Estado de Direito zelando por uma transição conservadora, sem rupturas. Ainda assim, um peefelista como o poderoso banqueiro Olavo Setúbal, do Itaú, por exemplo, tem suas contradições com a política do FMI e se dispõe a apoiar certas mudanças.

PMDB CUMPRIU SUA MISSÃO

O PMDB vive, após o 15 de janeiro, uma situação contraditória. Ele nasceu como frente, ampla e heterogênea, de oposição ao regime de 1964, em torno de uma plataforma mínima de unidade democrática: fim da ditadura, garantia de liberdades, eleições diretas etc, e, como meta maior, a Assembleia Constituinte. Ora, sem precisamente estes objetivos que o Brasil está em vias



de alcançar. E se isto faz do PMDB uma legenda vitoriosa, cria indefinições no futuro. O que será feito dele na medida em que realizar seu programa, sua missão específica?

A questão não se coloca a curto prazo. Mesmo com a posse de Tancredo, haverá uma volumosa estrumeira ditatorial a ser varrida. E caberá ao PMDB uma pesada responsabilidade na faxina. De outro lado, motivos menos nobres cimentam a unidade peemedebista. Com a chegada ao poder, domina em suas hostes a esperança embriagadora dos Ministérios, cargos, sinecuras. Os incontáveis pretendentes nem cogitam pular fora do partido. Não é este o comportamento dos setores mais comprometidos com o movimento popular mas, de fato, é um mal disseminado.

Mesmo assim a indefinição que aguarda o PMDB já se ex-

pressa, por exemplo, nas tensões que cercam a escolha das mesas e das lideranças de bancada da Câmara e do Senador.

CONFUSÃO NOS PEQUENOS

Os dois partidos que se intitulam trabalhistas — PDT e PTB — vêm de iniciar entendimentos buscando uma fusão. Esquecem assim velhas rixas, premiados pela necessidade de se manterem à tona.

O PTB paga caro sua desavergonhada adesão ao governo Figueiredo. Com um cacife político reduzido ao sr. Jânio Quadros e à evocação de um passado longínquo, dificilmente sobrevive à reforma partidária.

Quanto ao PDT, sacrifica, em função das ambições presidenciais do governador Leonel Brizola, a consequência oposicionista de vários de seus quadros e da massa de seus eleitores. Sonha com um partido social-democrata mais amplo, incentiva também uma "Frente Progressista" que até hoje não reuniu mais de 15 deputados.

Finalmente, o PT sai também seriamente avariado da crise sucessória. Ainda em setembro, ao fincar pé no "boicote ao Colégio Eleitoral", proclamava pela boca de seu vice-presidente Acó Bittar que "o PT prefere errar com o povo a acertar contra o povo". Terminou errando contra o povo, e com sua bancada parlamentar desfalcada em três de seus oito deputados, após o expurgo decidido dia 13 (veja artigo nesta página).

PEÇAS DE

QUEBRA-CABEÇAS

Outros deslocamentos e fatos novos seguramente aparecerão. Na medida em que vigore a prometida Nova República, e tratando-se do Brasil, nada mais natural que a formação de um novo quadro partidário. Entre as medidas democratizantes por vir, espera-se inclusive o fim da discriminação que há 38 anos impede os comunistas de constituírem legalmente seu partido. O que existe até o momento, portanto, são apenas algumas peças de um quebra-cabeças ainda por ser montado. (Bernardo Joffily)

Duas décadas de bipartidarismo

O sistema de dois partidos foi imposto em 1965, pelo general Castello Branco, por conveniência da ditadura. Quando se tornou incômodo e até perigoso para ela, veio a reforma de 1979, maquinada pelo general Golbery para fracionar o MDB e atrair sua ala mais conservadora.

Apesar de esperta, a manobra não teve êxito, como mostra o quadro ao lado. Surgiram de fato novos partidos, inclusive o PTB, uma legenda de aluguel, e o PP, centrista e de porte considerável. Porém a lógica do arbítrio fez o general Figueiredo baixar o "pacote de novembro" de 1981, que vetava coligações para facilitar a vida do PDS. Atingido em cheio pelo "pacote", o PP incorporou-se ao PMDB em 1982. Estava restaurada a polarização que a reforma tentara suprimir.

O bipartidarismo correspondia então a uma situação política real, tanto que foi confirmado nas urnas de novembro de 1982. O Brasil estava de fato cindido em dois campos, o do regime militar e o da oposição. Havia, é claro, grandes diferenças no bloco oposicionista — conflitos de classe, ideológicos e políticos. Mas acima deles impunha-se, irrefutável, urgente, a necessidade de pôr fim ao regime que a todos sufocava.

A bipolarização marcou todo o enfrentamento sucessório, até a votação do dia 15. Haja visto o número irrisório — oito — dos que não foram ao Colégio Eleitoral obedecendo ao lema "nem Maluf, nem Tancredo". Porém, para lá do 15 de Janeiro e principalmente do 15 de Março são outros quinhentos mil-réis. Superada no fundamental a fase aberta em 1964, deixam de existir as causas que dividiam o quadro partidário em dois campos apenas. Em seu lugar, surge um espectro mais amplo.

Composição da Câmara dos Deputados			
Partidos	Deputados	Porcentagem	
Antes da reforma partidária de 79 só havia dois partidos reconhecidos.			
Arena	231	55,0%	
MDB	189	45,0%	
O governo fez a reforma para rachar a oposição, e pareceu dar certo...			
PDS	213	50,7%	
PMDB	121	28,8%	
PP	66	15,7%	
PDT	9	2,1%	
PT	5	1,2%	
PTB	4	0,9%	
indefinidos	2	0,4%	
Mas depois do "pacote de novembro" de 81 a bipolarização ressurgiu,			
PDS	225	53,5%	
PMDB	165	39,3%	
PTB	14	3,3%	
PDT	10	2,4%	
PT	5	1,2%	
indefinidos	1	0,2%	
Foi confirmada pelos eleitores na votação de 15 de novembro de 82			
PDS	235	49,0%	
PMDB	200	41,7%	
PDT	23	4,8%	
PTB	13	2,7%	
PT	8	1,6%	
E marcou o resultado de 15 de janeiro no Colégio Eleitoral			
Tancredo Maluf	480	70,0%	
Abstenções	189	28,2%	
"Boicote"	17	2,5%	
	9	1,3%	

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Por um novo sindicalismo

Nestes 21 anos de regime militar o governo atuou, em relação aos operários, como um superpatrão. Para deter mesmo as lutas reivindicatórias mais elementares os generais usavam e abusavam da Lei de Greve, da Lei de Segurança Nacional e da intervenção em sindicatos. Agora, conquistadas certas liberdades democráticas, as organizações sindicais terão a grandiosa responsabilidade de varrer as consequências desta longa e desastrosa tirania e transformarem-se em efetivos instrumentos de combate.

CHEGA DE TUTELA

Com a perseguição implacável às lideranças mais autênticas, a constante ação repressiva da polícia, a proteção e o apoio aos pelegos, a ditadura levou os sindicatos a se burocratizarem e serem bastante descreditados pelos trabalhadores. Uma percentagem pequena de cada categoria está associada na sua entidade e às assembleias sindicais comparece um número reduzido de sindicalizados — esta é a regra geral, com raras exceções.

Nestes últimos anos houve um movimento no sentido de romper com esta situação. Mas o processo de renovação sindical é ainda muito insuficiente. Urge empreender uma vigorosa atividade para sacudir o fardo do atrelamento ao Ministério do Trabalho e conquistar de fato a independência e a autonomia sindical. A forma e organização dos sindicatos, assim como seus estatutos e a utilização de seus recursos financeiros competem unicamente aos próprios trabalhadores. A organização de entidades a nível estadual e nacional, bem como intersindicais, também deve ser decidida pelas diversas categorias. Da mesma forma, cabe aos trabalhadores, livremente organizados nas comissões de fábricas e nos sindicatos, negociar suas reivindicações com os patrões e avaliar sobre a necessidade ou não de greves e outras formas de resistência à exploração capitalista. Um governo democrático não pode de forma alguma interferir nestas questões.

NÃO FICAR A REBOQUE

Diante da iniciativa do novo presidente, que ainda como candidato reuniu-se com os sindicalistas de todo o país para discutir as suas exigências, torna-se particularmente importante a realização de um Congresso Sindical nacional, para definir uma plataforma única dos trabalhadores diante do novo governo. E para resolver qual a conduta mais adequada diante da futura proposta do Pacto Social já anunciado por Tancredo Neves. Desorganizados, divididos, sem lideranças realmente representativas do conjunto, os trabalhadores correm o risco de serem arrastados a reboque dos planos burgueses.

A transição democrática em curso não pode ser entendida como uma época de amortecimento da luta de classes. Pelo contrário, será um período em que estes conflitos poderão se manifestar mais abertamente, com formas novas e com problemas mais variados. Nesta situação será vital para a classe operária contar com sindicatos rejuvenescidos, livres, com amplo prestígio entre as massas, que organizem em suas fileiras a grande maioria das respectivas categorias. E que tenham em sua direção lideranças dinâmicas, comprometidas com a unidade e com a luta.

DEVER PROLETÁRIO

Vale lembrar a orientação de Dimitrov no VII Congresso da Internacional: “Devemos declarar da forma mais categórica possível que o operário comunista, o operário revolucionário, que não adere ao sindicato da sua profissão, que não luta por transformar o sindicato reformista em verdadeira organização sindical de classe, que não luta pela unidade sindical sobre a base da luta de classe, esse operário comunista, esse operário revolucionário não satisfaz o seu primeiro dever proletário”.

(Rogério Lustosa)

Neste início de ano entrou em vigor na China um conjunto de medidas econômicas que aprofundam o curso da implantação do capitalismo e de abertura das portas do país ao capital estrangeiro.

As reformas econômicas implementadas a partir da reunião plenária do CC do PCCh de 20 de outubro do ano passado enquadram-se no plano geral, iniciado em 1978, denominado “As quatro grandes modernizações”, programa de longo prazo dos revisionistas capitaneados por Teng Hsiao Ping que prevê a efetivação de vasta reestruturação de cunho capitalista na vida do país, nomeadamente nas áreas da agricultura, indústria, tecnologia e defesa. Levam a inconfundível marca pragmática de seu mentor, para quem “não importam as cores dos gatos, desde que comam ratos”.

As mais importantes medidas, centraram-se inicialmente no setor agrícola, onde, a pretexto de conceder incentivos à produção, o governo adotou uma série de mecanismos capitalistas, como, por exemplo, o de restaurar a propriedade privada e de permitir aos produtores a retenção de excedentes numa proporção de até 20% da produção. Em pouco tempo, criou-se uma camada de camponeses ricos, ao passo que em outras faixas aumentaram a pobreza e o desemprego. Informações oficiais do próprio governo chinês dão conta de que dos 300 milhões de trabalhadores rurais 100 milhões serão desviados para “outras atividades”. Se o problema se coloca nesses termos, é porque, na verdade, esses 100 milhões de trabalhadores rurais, encontram-se sem ocupação, tornando evidente o fracasso das reformas na agricultura que, ao invés de assentar o homem no campo, dão ensejo à migração interna e a um deslocamento de mão-de-obra.

Rumo ao capitalismo sem nenhum disfarce

Porém, têm muito maior alcance e amplitude as reformas econômicas em curso na China. Os revisionistas chineses e a imprensa burguesa internacional consideram-nas uma “nova revolução”, uma nova “longa marcha” que retiraria a economia chinesa de sua prolongada letargia, modernizaria o país e acabaria com a pobreza. Para tal objetivo, seria necessário “adotar um sistema de socialismo prático, abandonando as utopias do passado”, com uma “injeção necessária de um pouco de capitalismo”, que asseguraria um “suplemento necessário e benéfico ao sistema socialista chinês”. Todas as frases entre aspas são de autoridades chinesas publicadas no Diário do Povo, órgão central do PCCh.

Em que consiste a reforma econômica da China?

Primeiro, na concessão de “ampla autonomia e independência às empresas públicas”, caminho pelo qual elas obteriam maior dinamismo e vitalidade; **segundo**, na instituição oficial e indistigável do lucro como critério decisivo para a abertura e o funcionamento das empresas. As empresas lucrativas se concederá o direito de reter uma parte dos lucros, ao passo que os subsídios estatais às empresas deficitárias sofrerão drásticos cortes, acarretando seu fechamento; **terceiro**, na extinção das cotas de produção para 60 dos 120 produtos industriais e 19 dos 29 produtos agrícolas. Agora, mais do que nunca, a produção marchará sob a plena ação da lei da oferta e da procura, ou seja, as empresas planejarão sua produção segundo a pressão de demanda do mercado e não de conformidade com um planejamento central. Isso conduzirá necessariamente a uma redefinição também da política de preços, que fluirão livremente ao sabor das leis do mercado. A direção chinesa se colocou o objetivo de, a curto prazo, retirar 75% da economia do raio de ação da planificação estatal e de, a longo prazo, acabar com todos os meios de controle estatal sobre a economia. As reformas incluem a autorização para as empresas cortarem de 20 a 30% nos salários dos trabalhadores.

Ruptura definitiva com o socialismo

Sob o ponto de vista estrito da política econômica, estamos diante de medidas caóticas que a curto prazo vão gerar inflação e desemprego. Inflação, porque o liberalismo adotado deflagrará uma onda altista nos preços de todos os artigos cuja produção, a partir de agora, será flutuante. O desemprego advirá do fechamento das empresas deficitárias e da dispensa da “mão-de-

Receba em casa a
Tribuna Operária

A China se afunda no capitalismo



Desde 1972, com a amizade Nixon-Mao, o caminho desavergonhado da traição

obra excedente”. Aliás, uma das medidas mais antioperárias do pacote chinês é a permissão dada às empresas de dispensarem até 15% de seus trabalhadores. Assim, o desemprego aparecerá como fato irreversível, malgrado os “planos de incentivo à atividade autônoma”, cujas consequências sociais se farão sentir a seu tempo.

Sob o ponto de vida da *Economia Política*, estamos diante do rompimento mais completo e radical com os princípios da construção do socialismo. A economia chinesa sempre padeceu de crise e recessão e o país permaneceu atrasado, não pela vigência do socialismo mas pela ausência deste. Na China, devido à composição político-social do Estado, a propriedade estatal nunca teve caráter socialista. Ademais, pela indole pequeno-burguesa das concepções que presidiam o Partido — o chamado pensamento Mao Tsétung —, o socialismo era muito mais um verniz do que uma realidade concreta. Ali nunca houve um plano cientificamente elaborado de construção do socialismo. Por outro lado, a burguesia e os latifundiários nunca foram efetivamente expropriados, no sentido marxista do termo. Muito embora se fizesse a reforma agrária e se realizassem as estatizações, os antigos burgueses receberam polpu das indenizações e cargos de direção nas empresas de que eram proprietários.

Em questões capitais como a da relação entre Indústria pesada e Indústria leve, já resolvida teórica e praticamente por Stálin no processo de construção do socialismo na URSS, os chineses tergiversaram. Inverteram as prioridades, atribuindo maior importância à indústria leve, relegando assim o país ao atraso e à dependência tecnológica. Ao lado disso, durante largo período vigiu na China a prática de atribuir à “comunidade popular” o papel dirigente na sociedade. Nela, predominavam relações do tipo igualitário pequeno-burguês e de completa autonomia em relação ao conjunto da sociedade.

Fundada em semelhantes concepções, a sociedade chinesa só poderia viver na estagnação e no atraso. Agora, na era Teng Hsiao Ping, à guisa de modernização, floresce a propriedade privada, nacional e estrangeira, ao lado das empresas mistas, estatais e cooperativas.

A experiência histórica demonstra que no socialismo científico o Estado proletário concentra em suas mãos todos os meios de produção, convertendo-os em propriedade social, a qual este mesmo Estado dirige e administra de maneira centralizada e planificada em nome e no interesse de todos os trabalhadores, sob o impulso do motor principal da economia socialista que é a satisfação das crescentes necessidades materiais e culturais dos traba-

lhadores, e não a obtenção do lucro como instituíram os chineses.

Destarte, ao adotar mecanismos abertamente capitalistas de gestão econômica e proporcionar a ação absoluta das leis econômicas do capitalismo, a direção revisionista chinesa abre caminho para o surgimento de todas as chagas econômicas e sociais de que padece a economia capitalista: a anarquia na produção, o desenvolvimento espontâneo, a concorrência entre os produtores, o desenvolvimento desproporcional entre os diversos ramos, a exploração da classe operária, a deterioração de seu nível de vida, a formação do exército industrial de reserva, a carestia de vida e a inflação.

Uma campanha furiosa contra comunismo

Para legitimar a aceleração e o aprofundamento da implantação do capitalismo, o PCCh acionou todo o seu exército de ideólogos antimarxistas, a começar pelo seu principal líder, Teng Hsiao Ping. Com ares de grande teórico, este renegado e traidor da revolução e do socialismo acaba de lançar o livro “*A construção do socialismo com características chinesas*”, onde nega a universalidade dos princípios da construção do socialismo científico e ressuscita a desgastada tese do “socialismo específico” e do “socialismo nacional”.

A campanha contra o marxismo-leninismo ganhou fôlego com a publicação do editorial do Diário do Povo intitulado “*A teoria deve ser combinada com a prática*” saudado efusivamente pela imprensa burguesa que lhe deu ampla repercussão em todo o mundo. É forçoso reproduzir trechos do aludido artigo para que o próprio leitor julgue: “*Marx morreu há 101 anos. Suas obras foram escritas há mais de 100 anos. Houve tremendas mudanças desde que suas idéias foram formadas... Algumas das idéias de Marx, há muito tempo não se amoldam à situação de hoje, porque Marx jamais conheceu estes tempos, da mesma forma que não os conheceram Engels e Lênin. Eles nunca enfrentaram os problemas que enfrentamos atualmente. Assim, não podemos nos utilizar das obras marxistas e leninistas para solucionar os problemas dos dias que correm... O estrito apoio às colocações marxistas é ingênuo e é contra o ambicioso esforço de modernização do país. Se continuarmos a empregar determinados princípios marxistas, nosso desenvolvimento histórico certamente será dificultado*”.

Vê-se aqui a tentativa de tachar o marxismo-leninismo de ideologia obsoleta, superada, pertencente ao passado,

de apresentá-lo como teoria retrógrada, incapaz de corresponder às exigências e à complexidade da sociedade moderna. O fato de o marxismo-leninismo ter sido fundado como ciência há mais de um século não significa que não seja uma doutrina jovem e científica. Todas as grandes descobertas científicas de nosso século, em todos os domínios das ciências, naturais e sociais, sepultaram em definitivo as filosofias idealistas e metafísicas e assinalaram o triunfo do materialismo dialético. As sucessivas crises do capitalismo, a debacle vertiginosa desse sistema em todos os domínios, a degradação da vida política, econômica, social e moral só confirmam as certeiras previsões de Marx, Engels e Lênin sobre o futuro do capitalismo. Além disso, como ciência viva da revolução, o marxismo-leninismo se enriqueceu, com o concurso de outros eminentes teóricos, que tiraram lições pertinentes das “tremendas mudanças”, entre elas a eclosão de diversas revoluções e o advento do socialismo. A construção do socialismo por três décadas e meia na URSS e atualmente na Albânia, há já 40 anos, ilustra que, quando o proletariado assimila e aplica o marxismo-leninismo, ele é capaz de fazer prodígios. Pelo contrário, quando cessa a vigilância revolucionária, quando o estudo é débil e o marxismo-leninismo não é aplicado com suficiente rigor, a revolução se estiola, o socialismo se desbota e surge então o revisionismo.

Para os marxistas-leninistas e revolucionários já está evidente há muito tempo que na China nunca se aplicou a teoria do proletariado. Nos tempos em que se entovavam ditrambos ao “pensamento Mao Tsétung” já se buscavam ali os caminhos que levariam ao “socialismo especificamente chinês”, talvez com certa dose de timidez no que diz respeito à negação aberta dos princípios gerais do socialismo científico. Mas, agora a direção revisionista chinesa, em crise também ideológica, volta suas baterias contra o marxismo-leninismo, declarando-o imprestável.

Defesa de princípios do marxismo leninismo

Estamos, a nosso ver, diante de uma furibunda campanha ideológica da burguesia internacional, à qual se somam os revisionistas de todos os matizes, campanha esta que tem o efeito de uma forte pressão sobre o socialismo e os autênticos revolucionários-proletários para que renunciem às suas justas posições baseadas no marxismo-leninismo.

Por isso, cabe aos verdadeiros marxistas-leninistas aumentar a vigilância em suas fileiras, lutar sem tréguas contra o revisionismo, seja ele soviético, chinês, iugoslavo ou eurocomunista, esmerar-se mais e mais no estudo da teoria e em sua aplicação à vida, para estarem à altura de sua missão histórica.

Contribuição particularmente rica para a defesa do marxismo-leninismo tem sido dada pelos comunistas albaneses, com Enver Hoxha à frente. A vasta obra teórica deste destacado pensador e dirigente do proletariado mundial contém valiosos ensinamentos para todos os que querem perseverar no caminho da revolução. Em particular sua luta contra o revisionismo chinês e o “pensamento Mao Tsétung”, cuja evolução é descrita no livro “*Reflexões sobre a China*”, representa uma gloriosa epopéia que educa e inspira o proletariado de todo o mundo. É um estudo indispensável a todo revolucionário consciente. Outra leitura obrigatória para quem queira compreender os fenômenos ocorridos na China é “*O Revisionismo chinês de Mao-Tsétung*”, de João Amazonas, que expende as opiniões dos comunistas brasileiros sobre essa malsinada corrente do revisionismo contemporâneo.

(José Reinaldo Carvalho)

DE OLHO NO LANCE

Idéias malufistas

O deputado Agnaldo Timóteo, por sua conduta geral e por sua atividade parlamentar especificamente, não merece qualquer atenção. Mas uma declaração sua à TV, depois de votar em Maluf, pode ser tomada como exemplo do pensamento imperante até hoje nas hostes do candidato trombadão.

Timóteo afirmou que não tinha que fazer o que os seus eleitores desejam. Pelo contrário, como ele é que está no Congresso, seus partidários é que deveriam fazer o que ele orienta.

Isto foi o que durante 21 anos os defensores do regime militar praticaram, embora mantendo uma fachada formal de legalidade democrática. E foi contra isto exatamente que o povo saiu às ruas aos milhões pedindo diretas-já e logo a seguir apoiando o candidato das oposições Tancredo Neves. Foi esta pressão que obrigou inclusive muitos pedestristas votarem em Tancredo no Colégio Eleitoral.

Corrompido pela arrogância — e provavelmente por algum argumento material muito usado por Maluf — Timóteo não foi capaz de perceber a situação do país. Mas em compensação, pela falta de senso político, prestou um serviço ao dizer claramente o que pensam seus novos amigos a respeito do povo — embora não tenham a honestidade de dizer.



Desemprego e horas extras infernizam os brasileiros

A decantada resuperação da economia, em 1984, não conseguiu reverter o dramático quadro do desemprego no país, como revelam algumas pesquisas recentemente divulgadas. Nem mesmo os empresários botam fé nela, tanto que têm enfrentado o pequeno aumento da produção com a superutilização das horas extras. Como ressalta um dirigente de Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, "o desemprego continua sendo um dos nossos principais problemas e precisa ter um tratamento de choque neste novo ano".

No final de 1984 uma revista especializada em análise econômica divulgou com exclusividade o resultado provisório das fichas da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). A pesquisa, concluída em 83, é promovida pelo pouco confiável Ministério do Trabalho e atinge 17,5 milhões de brasileiros com empregos regulares — cerca de um terço da população economicamente ativa existente no país, calculada pelo IBGE em mais de 50 milhões de assalariados. Apesar destas lacunas, a RAIS deixa claro os resultados nefastos dos acordos firmados pelo governo militar com o FMI, em fins de 82, que resultaram num grande número de desempregados.

De acordo com a pesquisa, entre 81 e 83 houve uma redução drástica da oferta de empregos, comparando-se com a força de trabalho apta a se empregar. Nestes três anos nossa agonizante economia gerou apenas 700 mil novos empregos — segundo dados do Ministério da Previdência, teriam sido criados outros 1,8 milhão de vagas decorrentes das aposentadorias e mortes. Neste mesmo período, no entanto, a população brasileira cresceu em 10,3 milhões de pessoas e, pelo menos, 4,5 milhões de jovens chegaram à idade produtiva. Ou seja, neste curto espaço de tempo, mais 2 milhões de trabalhadores somaram-se ao já grande exército de desempregados.

Quadro dramático do desemprego se mantém, apesar da "recuperação"

Em 1984, ano da alardeada recuperação, o quadro não mudou. O pequeno crescimento econômico presenciado, decorrente do aumento das exportações, não conseguiu absorver os milhões de sem-emprego. Em comparação com o final da década de 70, a atual retomada representa uma volta do país de sete a 10 anos atrás. Os números da retomada estão longe de significar a recuperação das violentas perdas dos últimos anos de crise, como reconhecem os próprios empresários. Num levantamento feito em outubro passado, o Departamento de Economia da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) constatou que os empresários não têm ampliado o número de funcionários.

Segundo este mesmo levantamento, o volume de trabalhadores ocupados na indústria paulista cresceu apenas 3,9% em outubro, comparando-se ao mesmo período do ano anterior. Por outro lado a Fiesp fez uma revelação surpreendente: neste mesmo mês houve um grande aumento



Fila de desempregados em São Bernardo: um quadro dramático na vida dos trabalhadores

das horas trabalhadas, que cresceram em 11,7%. Ou seja: os patrões não acreditam na recuperação e, frente ao reduzido aumento da produção, estão obrigando os operários a fazerem inúmeras horas extras.

Os trabalhadores e seus sindicatos já vinham constatando esta intensificação brutal das horas extraordinárias de trabalho. "Os patrões não querem perder com a crise", comenta Neleu Alves, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. "Eles querem aumentar a produção sem contratar novos trabalhadores e sem pagar os encargos sociais." Todas as empresas, pequenas e grandes, têm se utilizado do expediente das horas extras em excesso. É regra elas obrigarem os funcionários a trabalharem em torno de 62 horas por semana, segundo denúncia do Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos).

Acidente no trabalho mata metalúrgico que fazia extra em Osasco

Para Alexandre Jorge Loleian, técnico do Dieese, "os patrões desconfiam da recuperação econômica e preferem as extras ao invés de contratarem novos empregados para demitir depois, enfrentando a resistência dos operários e dos sindicatos. Eles abusam das extras, desrespeitam a legislação que estipula a jornada semanal de 48 horas, porque isto dá mais lucro e segurança". Recentemente o presidente da Ford, Roberto Guerriti, reconheceu esta trama, afirmando que as horas extraordinárias ficam "mais baratas para as empresas". Afinal, como ele mesmo raciocina, elas só são exigidas nos momentos de pico das vendas.

O aumento da jornada de trabalho ocorre em várias regiões. Na base dos metalúrgicos de Santo André, no ABC paulista, 85% das 300 empresas da região exigiram inúmeras extras no final do ano passado e início deste. Já uma pesquisa entre os 15 mil metalúrgicos de Taubaté, no interior de São Paulo, mostrou que a maioria faz em média duas horas extras por dia. De acordo com o

Pelas 40 horas semanais

Na batalha contra o desemprego e a superutilização das horas extras, uma bandeira de luta tem contagiado o movimento sindical: a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais sem redução de salário. Vários sindicatos já têm este item como um dos principais nas suas pautas de reivindicação. Entidades, inclusive, realizam campanhas neste sentido. Com o fim do regime militar e a constituição de um governo de transição democrática, esta reivindicação adquire mais força, podendo ser conquistada, tornando-se lei, o que depende principalmente do poder de fogo do movimento dos trabalhadores.

NOVOS EMPREGOS

O Brasil é campeão da mais longa jornada de trabalho no mundo: 48 horas semanais, sem falar das inúmeras horas extras. Mesmo nos países da América Latina, com economias mais débeis, as jornadas são menores (ver tabela abaixo). A conquista das 40 horas semanais aliviaria bastante o quadro dramático do

desemprego no país, como comprovam as pesquisas.

Segundo levantamento do

Dieese, feito na base metalúrgica do Estado de São Paulo, com a redução da jornada para 40 horas, São Bernardo ofereceria 16 mil novos empregos; São Caetano, 3,6 mil; São Paulo, 48 mil; Guarulhos, 5 mil; Osasco, 5 mil; e nas demais cidades do interior haveria 38 mil novas vagas. No total, 122 mil metalúrgicos obteriam emprego no Estado. Tomando por base os dados da RAIS, segundo a qual existem 17 milhões de trabalhadores com carteira registrada, a redução para 40 horas proporcionaria 3,4 milhões de novos empregos no Brasil!

Para Carlos Clemente, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, "a luta pela redução da jornada está se transformando numa das nossas principais bandeiras. Deverá ser a base da nossa campanha salarial de 1985. Sem dúvida, é uma das principais formas de readmitir um grande número de pais de família".

Jornada de trabalho legal

Equador	40 horas
Paraguai	40 horas
Peru	40 horas
Panamá	44 horas
Uruguai	44 horas
Colômbia	45 horas
Argentina	46 horas
Venezuela	46 horas
BRASIL	48 horas

Fonte: Dieese

mesmo levantamento, "se as horas extras fossem abolidas, pelo menos três mil novos trabalhadores seriam contratados".

Um dos resultados imediatos do excesso de horas trabalhadas é o aumento de acidentes de trabalho nas empresas. Na base dos metalúrgicos de Osasco — que em 1981 tinha 42 mil operários e hoje está com 39 mil — tem se verificado um grande número de acidentes. Em outubro passado, por exemplo, ocorreram dois bastante graves, "e este foi exatamente o mês que a gente constatou uma grande exigência de extras", comenta Carlos Clemente, diretor do Sindicato. O operário Hélio Zuza de Araújo, da empresa Forjatil, teve sua cabeça rachada e morreu poucas horas depois; e o metalúrgico Pedro Bispo Miranda Sobrinho, da Fundação MB-C, sofreu um acidente grave, ficando em estado de coma por algum tempo. Os dois acidentes ocorreram quando os operários faziam horas extras; os dois trabalhadores foram pressionados pelas chefias a fazê-las!

Sindicatos continuam a guerra contra o desemprego no país

Algumas entidades sindicais têm desenvolvido uma encarniçada luta contra o aumento da jornada de trabalho. Um deles, o Sindicato dos Metalúrgicos de

Servidores podem ir à greve contra MEC

Mais de 60 mil servidores técnico-administrativos e das instituições de ensino superior autárquicas podem paralisar suas atividades nos dias 22, 23 e 24 de janeiro em protesto contra a ministra da Educação e Cultura, Esther Figueiredo Ferraz, que negou equiparação salarial à categoria, concedendo apenas equiparação de 20% para os docentes em janeiro.

A presidenta da Federação das Associações de Servidores das Universidades Brasileiras, Fasubra, Vânia Galvão, afirmou que a categoria está revoltada com o golpe aplicado pela ministra.

Vânia fez questão de ressaltar que não é contra a gratificação concedida aos docentes, mas acha que deveria ser extensiva aos demais servidores: "Entendemos ser esta mais uma tentativa do MEC de criar divisões entre os trabalhadores universitários — disse ela. Entretanto estamos certos de que não conseguiremos seu intento pois a categoria conhece seus ver-



Vânia, presidente da Fasubra

dadeiros inimigos, representados por um governo desacreditado e impopular".

Além da paralisação de três dias, a categoria realizará seu congresso nacional de 29 de janeiro a 1º de fevereiro em Salvador, onde serão definidas novas formas de luta dos servidores contra o golpe da ministra do MEC. Segundo Vânia, a defasagem salarial dos servidores chega atualmente a 300%. E 40% da categoria recebem 40% abaixo do salário-mínimo vigente. (da sucursal).



Alba, presidente da Apat: pressionar o governo Tancredo

Aberto em Vitória o 28.º Congresso da CPB

Foi aberto quinta-feira, em Vitória, o XVIII Congresso Nacional da Confederação de Professores Brasileiros (CPB), que só será encerrado no próximo dia 22. Estava prevista a participação de quatro mil professores no encontro, sendo 2.500 delegados, provenientes de todos os Estados do país.

O Congresso, que recebe o nome de Teotônio Vilela, em homenagem ao grande democrata alagoano, ocorre em um momento de crescimento e renovação do movimento sindical dos professores e de grandes avanços na luta pela democracia, expressa na vitória de Tancredo Neves na eleição do dia 15. Essa é a opinião dos professores Pascoal Torres Muniz, presidente da Associação dos Professores do Acre e vice-presidente da Regional Norte 1 da CPB, e Alba Correia, presidente da Associação dos Professores de Alagoas e vice-presidente da Região Nordeste 2 da Confederação.

As perspectivas que se abrem para o professorado, segundo Pascoal e Alba Correia, são grandes: "Existe uma série de reivindicações de fundamental importância para a categoria — dizem —, como a conquista do direito à sindicalização para todo o funcionalismo público, que ganham maior relevo na atual conjuntura. A nossa batalha, agora, tem de ser no sentido de unificar todo o professorado levantando as bandeiras comuns em todo país e estabelecendo um Estatuto que regulamente a profissão e seja unificado a nível nacional. E, ao mes-

mo tempo, de garantir também a unidade com todos os trabalhadores, bem como com todos os setores democráticos e populares da sociedade brasileira".

"A perspectiva", salientam "é de intensificação da participação do professorado na vida sindical e política, o que será facilitado pelo governo democrático, muito embora seja um governo da burguesia". Eles defendem a articulação da CPB "com todos as entidades nacionais do magistério e inclusive com os estudantes para a defesa de um ensino democrático".

Os dois líderes dos professores lembram a necessidade de a CPB buscar comprometer o governo democrático com as propostas fundamentais da categoria, bem como influir na elaboração do perfil do ministro da Educação, afirmando que "sem participar ativamente no processo de mudança em curso na sociedade brasileira, ficaremos isolados". Para tornar realidade as reivindicações específicas do professorado, assim como as necessidades mais prementes de todo o povo "é preciso pressionar desde já o novo governo, intervindo em todos os sentidos, exigindo a aplicação de um programa mínimo e um plano de emergência que contemple os interesses populares". Alba e Pascoal acreditam que também a nova diretoria a ser eleita neste Congresso "saberá, como a atual, estar à altura dos acontecimentos e se guiar em sintonia com a nova realidade que se abre no país".



Marcha contra o desemprego em São Paulo: a luta deve continuar

Nova ofensiva do governo contra a Tribuna Operária

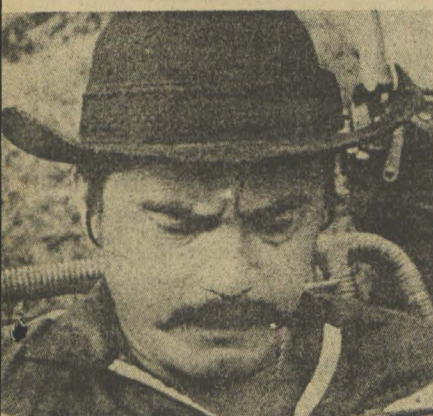
Após a ofensiva terrorista, com bombas em nossas sedes; após a ofensiva judicial, com prisões e processos contra nossos jornalistas e colaboradores, a **Tribuna Operária** sofre agora uma nova ofensiva. Agentes do Ministério do Trabalho, do Ministério da Fazenda e do INPS estão percorrendo os Estados para realizar uma devassa nos locais onde funcionam nossas sucursais.

Terezina, São Luís, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e até São José dos Campos, no interior de São Paulo, foram visitados pelos fiscais do governo federal. Em Minas chegaram a ameaçar os colaboradores da **TO** com uma multa de Cr\$ 800 mil por "sonegarem informações"... É evidentemente uma provocação no apagar das luzes da ditadura, para tentar calar a voz do proletariado.

Não há dúvida: trata-se de um novo atentado contra o jornal. A **Tribuna Operária** incomoda os donos do poder, que acabam de sofrer esmagadora derrota no Colégio Eleitoral. A destruição de nossa sede, os atentados em nossas sucursais, as perseguições contra nossos colaboradores, a apreensão de nossas edições não foram suficientes para liquidar nosso semanário. Pelo contrário, ele se fortaleceu e cresceu. Agora, quando são enxotados do poder, os golpistas de 1964 investem ainda contra a imprensa operária.

As multinacionais espoliam nossos operários, sugam-lhes até a última gota de sangue para auferir lucros escandalosos. O latifúndio esgota a energia vital dos trabalhadores rurais, na ânsia de faturar alto. Trabalhadores das cidades e do campo são explorados selvagemmente por empresas que rasgam as leis e dilaceram a soberania de nossa pátria. O regime militar cerra os olhos para tantos crimes contra nosso povo e ainda dá incentivos e outras regalias aos infratores.

Mas contra a **Tribuna Operária**, mobiliza seus agentes! A imprensa operária sobrevive graças aos esforços, à contribuição abnegada daqueles que empenham suas vidas e seu trabalho na construção de uma pátria livre e soberana, sem opressão social e exploração. Nossas sucursais são mantidas pelas colaborações espontâneas de patriotas e democratas. Não somos uma empresa a extrair mais-valia e a buscar o lucro. Somos justamente o contrário: instrumento para que os proletários libertem-se do sistema que os oprime e explora, e instalem em um novo sistema, em que "o homem seja o capital mais precioso". Bombas, processos, perseguições não nos calam. E não será uma auditoria "trabalhista" a serviço do regime em extinção que irá nos silenciar.



Quintino, líder camponês em Vizeu

São Paulo faz ato em memória de Quintino

Ato em memória do líder camponês Quintino será realizado no próximo dia 23, às 20 horas, no auditório "Teotônio Vilela" da Assembleia Legislativa de São Paulo. Quintino foi assassinado pela Polícia Militar na cidade de Vizeu, Pará, no início de janeiro.

O ato está sendo convocado por sindicatos, entidades populares, estudantes, juvenis e democráticas, e além de homenagear Quintino e os camponeses assassinados, defenderá a reforma agrária. O teor do convite é o seguinte:

"As entidades e personalidades abaixo-assinadas convidam para o ato em memória de Quintino e demais camponeses assassinados no início deste ano, pela Polícia Militar e jagunços, no Estado do Pará. Apresentados como bandidos, Quintino e seus companheiros, na verdade, tombaram em defesa da posse da terra, da reforma agrária, e dos direitos negados aos camponeses e ao povo brasileiro".

Violência contra canavieiros

A greve de 35 mil cortadores de cana de oito municípios da região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, chamou a atenção do país para o inferno em que vivem. Após 10 dias de paralisação e de sofrerem uma brutal repressão policial, iniciaram o retorno ao trabalho. Os patrões que se mostravam intransigentes resolveram negociar, mas o acordo ainda não saiu.

A greve dos canavieiros que atingiu oito municípios da região de Ribeirão Preto teve como motor a luta de centenas de famílias contra a fome. Iniciada dia 4 em Guariba, contra as demissões de 13 diretores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a paralisação tendia a ficar restrita ao município, pois a entressafra não é a época mais adequada para uma greve. Mas os milhares de trabalhadores sem emprego constituíam um material altamente inflamável. A centelha rapidamente se alastrou.

A paralisação foi crescendo quase que espontaneamente, sem muita organização. Foi valiosa a presença da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) para coordenar a luta. "A maioria faz isso aí (a greve) porque está passando fome", explicava Wilson Nunes de Almeida, da comissão dos grevistas de Sertãozinho, um dos municípios atingidos pela paralisação. Antônio da Silva Neto, 22 anos, da cidade de Barrinha, acrescentava: "Todo mundo precisa comer. A gente está aí desempregado, passando fome, levando nome de ladrão. Por isso que estamos aqui fazendo greve".

Mil pessoas enfrentam PM em Sertãozinho. Batalha campal deixa sete feridos a bala

Com um espírito de combatividade muito grande, os cortadores de cana se afeiravam com vigor à principal arma que tinham nas mãos contra seus patrões: a greve. No desespero, em alguns casos tentaram queimar canaviais. Nesta explosão de protesto passavam por cima de suas poucas lideranças, ainda inexperientes e às vezes vacilantes quando elas tendiam a aceitar o retorno ao trabalho.

A intransigência patronal em se recusar a negociar exacerbava os ânimos



Foto: César Diniz

Na entrada da Usina Santa Elisa os policiais reprimem um piquete

Tradição de lutas no campo

A região de Ribeirão Preto é uma das mais ricas do país e a principal produtora de cana (produz 27 milhões de sacas de açúcar e 1,6 bilhão de litros de álcool). Foi um dos primeiros lugares do país onde o capitalismo penetrou no campo, por volta da década de 80 do século passado. O café foi seu primeiro grande produto de exportação, cujo apogeu vai de 1880 a 1930. A partir de 1950 a cana assume a liderança na produção agrícola.

Junto com a cana vem a concentração de renda e de terra, particularmente a partir da década de 70 com o Proálcool. As grandes usinas de açúcar e álcool monopolizam toda a economia. Desde os plantadores de cana até o comércio ficam na dependência dos usineiros.

Nesta mesma época também surge um proletariado rural combativo. Milhares de colonos imigrantes foram trazidos para trabalharem nas plantações de café. Ali se organizaram e fizeram as primeiras reivindicações trabalhistas rurais do Brasil. Nosso sindicalismo rural surge neste período, fruto destas lutas.

Na zona da cana existe um grande entrelaçamento entre o trabalhador rural e o operário. Na usina de açúcar o cortador de cana convive com o

motorista de caminhão, com o foguista, passando pelo ensacador e químico.

OPERÁRIOS EM LUTA

É comum encontrar canavieiros que já trabalharam como operários, muitos deles com experiências grevistas anteriores. Um piqueteiro e cortador de cana da Usina Santa Elisa, ex-metalúrgico da Mecânica Zanini de Sertãozinho, faz uma comparação entre a greve nos dois locais: "Na fábrica é mais fácil. É um lugar só. Na lavoura você tem vários locais para fechar a entrada e fica mais difícil fazer piquete".

A alta mecanização na agricultura agravou o problema do desemprego. Na região de Ribeirão Preto se utilizam 12 vezes mais tratores que na zona de cana de Pernambuco. Na safra, que vai de maio a novembro, chegam a trabalhar cerca de 300 mil assalariados rurais volantes. Na entressafra este número cai assustadoramente por causa do uso de máquinas e defensivos agrícolas. Devido à monocultura toda esta mão-de-obra fica ociosa, causando uma situação desesperadora para estes homens que só têm a força de trabalho para vender.



Foto: César Diniz

Após a violência policial, assembléia de canavieiros de Guariba decide pelo retorno ao trabalho

OPINIÃO

Chega de repressão ao povo

A repressão em Guariba alerta para uma importante tarefa a ser cumprida no novo governo conquistado pelas oposições, no sentido de respeitar os direitos dos trabalhadores. Trata-se de dissolver os aparatos repressivos, atualmente imobilizados mas ainda organizados, tipo DOI-CODI; retirar da Polícia Federal a atividade no terreno da ordem política e social; limpar as Polícias Militares dos elementos fascistas aí encastelados até hoje — muitas vezes em posição de comando; conter o Exército rigorosamente dentro dos quartéis, restaurando sua função de guarda das fronteiras e impedindo a in-

tromissão dos generais nas questões políticas e trabalhistas.

De outro lado, livre da ditadura, o país exigirá, tanto do governo federal, encabeçado por Tancredo Neves, como dos governantes estaduais, uma posição democrática em relação às greves e outras manifestações dos trabalhadores. Os sindicatos, e os trabalhadores organizados em cada empresa, têm o direito de fazer reivindicações, negociar com os patrões e decidir sobre a oportunidade das greves, sem repressão e sem interferência do governo. Chega de tutela, chega de repressão.

crestadas pelo sol, hábeis no manejo do podão, tentavam pela primeira vez organizar piquetes, sem muita noção do que fazer. Todos comentavam os episódios do dia ansiosos para acertar um duro golpe nos patrões para quebrar sua arrogância.

Eurico Soares da Silva, 43 anos, cabelos já grisalhos, era um dos grevistas mais agitados durante a assembléia. Desempregado desde novembro, com sete filhos para tratar, indagava: "Nós trabalhamos só na época da safra, depois eles (os usineiros) estão com os tonéis cheios e nós vamos viver do quê?" Ao mesmo tempo apresentava sua solução para o problema: "É só fazer a reforma agrária, que nós arranca a cana e vamos plantar arroz e feijão".

Nos primeiros dias da greve o policiamento era ostensivo, mas não importunava a atividade dos piquetes. Coincidentemente, um dia após a divulgação de um telex assinado por 37 usineiros da região dirigido ao governador Franco Montoro, ao II Exército, ao SNI, à Polícia Federal e ao secretário da Segurança, começou a repressão. O documento exigia providências contra os grevistas. Ficaram evidentes a interferência dos aparatos repressivos da ditadura e a capitulação do governo estadual diante destas pressões para reprimir trabalhadores que reivindicavam o direito de sobreviver.

Além disso, os usineiros, cientes da sua impunidade, passaram a contratar capangas para aterrorizar os líderes sindicais e grevistas. O caso mais grave ocorreu dia 10, na cidade de Pradópolis. Um diretor da Fetaesp, um advogado da entidade e duas outras pessoas foram agredidas por homens contratados pela Usina São Martinho quando faziam uma convocação para a assembléia de trabalhadores rurais. Os jagunços, com cobertura da PM, tentaram linchá-los. Para não serem assassinados, foram obrigados a atirar no chefe dos marginais.

"A tropa jogou bombas e deu tiros. O povo reagiu com pedras e foguetes"

No dia 12, de manhã, a polícia voltou a agir com toda a sua truculência em Guariba contra os cortadores de cana. Homens, mulheres e crianças do bairro João de Barro foram espancados, casas foram invadidas e houve várias prisões. O padre José Bragheto, ainda com os sinais de espancamento nas costas, contava: "A tropa veio e desceu o caceté, jogaram bombas e deram tiros. O pessoal reagiu com pe-



Foto: César Diniz

Hélio: "Patrões cavam sua sepultura"

dras e foguetes". Mais tarde, em represália, os grevistas botaram fogo num canavial.

Estas violências praticadas contra o povo causaram repúdio geral da população. A Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo — que coordenava o movimento e tentava abrir negociações com os patrões — lançou um veemente repúdio a estas agressões. Sua nota dizia que "qualquer governo que se diz democrático tem a obrigação de assegurar a livre manifestação dos trabalhadores, colocando-se contra os que usam o poder econômico para gerar desemprego, baixo salário, fome, mortalidade infantil na região mais rica de São Paulo".

Um dia antes de encerrar a greve em Barrinha, Hélio Neves, presidente do STR de Araraquara e diretor da Fetaesp, declarava à **Tribuna Operária**: "Não tenho condições de dizer se os trabalhadores agüentarão o aparato repressivo usado contra eles". E de fato, os grevistas, diante da violência, da intransigência patronal e com debilidades de organização foram retornando organizadamente ao trabalho. Primeiro Guariba, depois Barrinha, São Joãoquim da Barra, Monte Alto, Ituverava.

Dia 15, finalmente os usineiros aceitaram negociar, através da Federação dos Agricultores de São Paulo. Numa declaração à **TO**, Hélio Neves afirmava: "Eu acho que os patrões estão cavando a própria sepultura, porque se eles não atenderem as nossas reivindicações agora, quero ver quem vai fazer a colheita. O trabalhador não é idiota".

Mesmo que não conquistem os objetivos almejados, os canavieiros saem da greve mais experimentados do que poderá ter sido um ensaio para o que virá a ocorrer no início da safra, em maio. Desde já ficou claro que somente um movimento unitário e na época correta quebrará a intransigência patronal (Domíngos Abreu, enviado especial)

Fetaeg denuncia grilagem no norte de Goiás

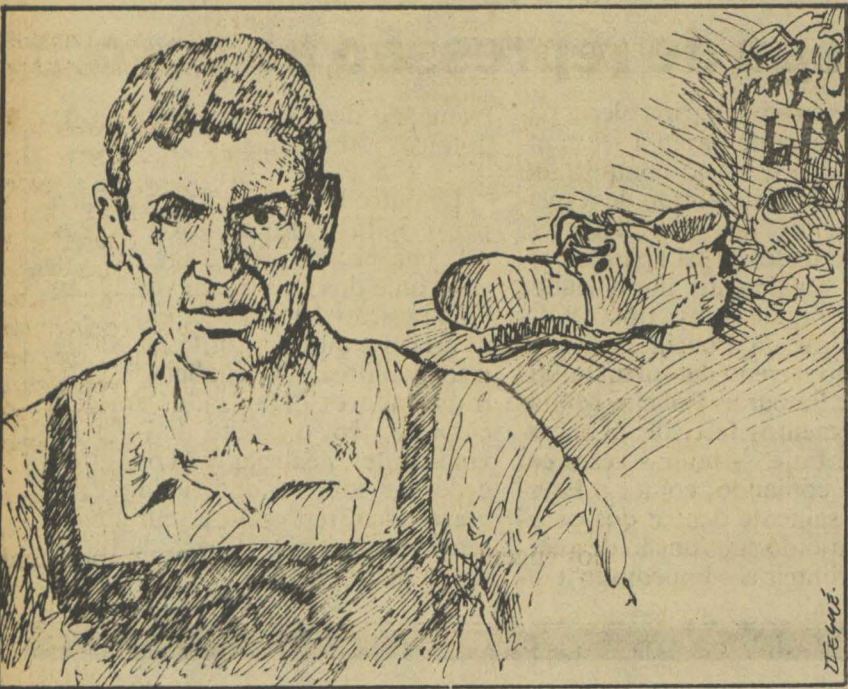
Eliezer Alves Bento, diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás, que tem prestado mais assistência à região norte do Estado, denunciou a grilagem de terra e as violências que estão sendo cometidas contra os trabalhadores daquela região.

No município de Couto Magalhães mais de 30 famílias de posseiros estão sendo perseguidas pelo jagunço José de Sena, a mando do grileiro Carlos Menberg. Os jagunços estão queimando casas, cereais e toda a criação, além de ameaçar de morte as famílias de posseiros. Isso tudo ocorre sem que as autoridades competentes tomem qualquer providência para resolver tais problemas.

Também no município de São Sebastião a grilagem agrava-se cada vez mais. No povoado de Buriti, os posseiros estão sendo ameaçados de expulsão de suas posses pelo grileiro José Divino

Prudente de Oliveira. Este grileiro chegou a obrigar 43 posseiros a irem até a Delegacia de Polícia para que assinassem um documento desistindo de suas posses. O plano só não foi executado conforme o planejado porque houve a intervenção do delegado sindical da Fetaeg na região, Joaquim Juvêncio, e do educador sindical Edmundo Galdino, que prestaram assistência aos posseiros, no que resultou a frustração dessa maligna tentativa do grileiro.

Para o diretor da Fetaeg, Eliezer Alves Bento, a solução para esses problemas é uma reforma agrária radical que coloque fim ao latifúndio e entregue as terras aos trabalhadores brasileiros. Isso, no entanto, só será possível com a luta e a organização de todo o povo brasileiro, em particular dos trabalhadores rurais, para que sejam atendidas as reivindicações mais sentidas do movimento popular. (correspondente da TO em Araguaína, GO)



Comerciários lutam por jornada de trabalho decente

Há muito tempo, a maior categoria trabalhadora deste país está esquecida. Há muito não é dado o devido valor para os comerciários, mas isso não é empecilho para sua mobilização no sentido de garantir os direitos elementares do ser humano.

No momento em que se encontra na Câmara Federal um projeto de lei que regulamenta o funcionamento do comércio, as federações e sindicatos de empregados devem mobilizar suas bases e exigir que essa mudança se inicie nos municípios.

Em Canoas, o vereador do PMDB Celso Pitol apresentou projeto à Câmara dos Vereadores instituindo o chamado *sábado inglês*. Houve uma grande mobilização liderada pelo Sindicato, pelo seu presidente Antônio Fellini, e outras lideranças políticas, o que muito contribuiu para uma tomada de consciência da categoria e de classe. Mas, enquanto os comerciários se organizavam, os patrões passaram a pressionar os vereadores, cobrando o apoio financeiro da campanha eleitoral.

No dia da votação, as dependências da Câmara foram tomadas pelos comerciários, determi-

nados a vencer e entrar em greve caso ocorresse o contrário.

A bancada malufista do PDS e alguns vereadores do PDT tentaram obstruir ao máximo o andamento dos trabalhos. Provocadores contratados pelos patrões também tentaram tumultuar as galerias, para que a sessão fosse suspensa e adiada para março. Mas a categoria, demonstrando consciência e organização, resistiu às manobras e não aceitou as provocações.

Como os patrões e a maioria dos vereadores não aceitassem o projeto original, a bancada do PMDB apresentou uma emenda que dá direito à folga a partir das 13,00 horas, durante oito meses. Embora não fosse o ideal, foi considerada um grande avanço e um dos primeiros passos na luta da categoria. Foi uma grande explosão de alegria, quando o presidente da Câmara anunciou o resultado.

Com essa imensa mobilização dos comerciários canoenses fica um exemplo de capacidade de luta de nossa classe. O Brasil inteiro deve dizer: **Não ao sábado à tarde!** (Aíron de Freitas, comerciário desempregado de Canoas, Rio Grande do Sul)

Oposição vence em Paraguaçu Paulista

A Chapa 2, de oposição, venceu a eleição do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paraguaçu Paulista, realizada nos dias 1º e 2 de dezembro de 1984.

A oposição venceu com esmagadora vantagem, tendo obtido 331 votos, e a Chapa 1, situacionista, dirigida pelo atual presidente, que é um pélego traidor, obteve 171 votos. Dos 600 sócios, votaram 513, tendo 10 votos nulos e 2 em branco.

Essa esmagadora vitória arrebatou com um reinado de 11 anos do atual presidente, que tra-

tava os trabalhadores rurais como animais.

A Chapa 2 tem uma proposta simples, mas tem muita garra e coragem para a luta. Pretende levantar bem alto a bandeira pela reforma agrária, por melhores salários e condições de transporte e por uma Constituinte livre e soberana, além de prestar total apoio ao dr. Tancredo Neves para presidente do Brasil. (Sebastião de Oliveira, membro da Chapa 2 do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paraguaçu Paulista, SP)



Pirelli lucra mutilando e até matando

A Pirelli é uma empresa multinacional de renome e muito lucrativa. Apesar disso, seus operários vivem na maior escravidão.

Ela obriga os operários a participarem de cursos internos, o que os leva a permanecer por mais de três horas na empresa além da jornada normal de trabalho, deixando-os esgotados.

Além disso, é grande o número de acidentes de trabalho. Tem um companheiro que estava trabalhando à noite numa máquina de solda de vergalhão, não agüentando mais de sono e cansaço. A máquina puxou sua calça e levou sua perna junto. Sorte que o outro colega desligou a máquina na hora, senão tinha puxado o corpo inteiro. Na esmaltagem,

onde é maior o número de acidentes, um companheiro teve seu olho cego por um fio. Na mesma seção, vários companheiros sofrem queimaduras com solventes e ficam incapacitados para trabalhar. Aí a empresa os dispensa.

Que país é esse, em que homens honestos, trabalhadores, estão sendo transformados em homens inutilizados para satisfazer a ganância dos patrões, que vêm da Itália para explorar os brasileiros? Para ganhar um salário de fome e encher o patrão de mordomia, uns pagam com a própria vida e outros com a saúde.

Os companheiros da Pirelli vão lutar muito para melhorar esse estado de coisas. (operários da Pirelli — São Paulo, SP)

Operários da Pirelli enviam uma denúncia sobre acidentes de trabalho na empresa. Os acidentes, que mutilam operários, são causados por pura negligência, pela ansia de lucros. Os patrões preferem que os operários corram risco de vida e mutilação a gastar alguns cruzeiros com equipamento de segurança.

Isso ocorre porque eles podem a qualquer momento substituir um morto ou ferido, devido ao excesso de mão-de-obra provocado pelo



fala o POVO

lo desemprego. Em outras palavras, os empresários querem mesmo é saber de números. Como diz a própria carta, os operários é que têm de lutar por seus direitos. (Olivia Rangel)



Chapa 1 quer fortalecer o Sindicato dos Professores

Fortalecer Sindicato é objetivo de professores

De 12 a 14 de fevereiro serão realizadas eleições para a diretoria do Sindicato dos Professores do Estado de Pernambuco. Será um importante acontecimento para nossa sofrida categoria. Duas chapas estão inscritas para disputar o pleito.

A Chapa 1, Educação e Democracia: Muda Brasil, da qual faço parte, é encabeçada pelo professor James Beltrão e tem como proposta principal fortalecer o Sindicato dos Professores (Sinpro) na luta pelos interesses da categoria.

No nosso programa nos propomos a fazer uma direção colegiada; formar comissões por escola e um Conselho de Representantes; reformular os Estatutos do Sinpro; realizar encontros anuais dos professores; criar um departamento visando adequar a administração à nova dinâmica sindical; unificar a data-base; lutar pela

regulamentação profissional, pela democratização das instituições do ensino e por mais verbas para a Educação.

No campo das lutas gerais da sociedade, a chapa defende a liberdade e autonomia sindicais; a reunificação do movimento sindical e o livre direito de greve. Queremos o fim do regime arbitrário e um novo ordenamento jurídico, com o fim das leis de exceção ainda em vigor; ampla liberdade de organização político-partidária; eleições diretas em todos os níveis e convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana, bem como uma política econômica voltada para os interesses populares.

Por um sindicato forte e consequente, o voto dos professores deve ser na Chapa 1. (Jurandir Pilar, membro da Chapa 1 — Pernambuco)

Funcionários da Copagás dão susto no patrão

No último dia 10, os proprietários da Empresa Distribuidora de Gás Liquefeito da Petróleo, Copagás, na capital paulista, levaram um susto: nenhum dos 450 trabalhadores da firma entrou para trabalhar.

Há meses os funcionários da Copagás vinham se mobilizando, contando com a ajuda do Sindicato, exigindo a implantação do cartão de ponto com o pagamento das horas extras; *ticket* refeição; estabilidade no emprego; e reajuste trimestral. Mas os patrões se mostravam intransigentes, tentavam enganar os trabalhadores com promessas falsas.

Com a greve os trabalhadores conquistaram importantes vitórias. O cartão de ponto com o pagamento das horas extras vai ser implantado ainda neste mês; o *ticket* refeição vem a par-

tir de fevereiro; a estabilidade de 6 meses para todos os funcionários e de 8 meses para os membros da Comissão de Negociação começou a vigorar a partir do término da paralisação; e conseguiu-se arrancar 22% de antecipação sobre o salário de dezembro que será pago já em janeiro para toda a categoria.

O mais importante é que a greve reforçou nossa organização. Como disse um grevista, "agora nós aprendemos qual é o caminho. Estamos todos unidos, temos uma comissão com companheiros que nos representam, e o que é mais importante: há confiança em cada trabalhador. Daqui para frente nossa luta vai crescer!" (diretores do Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Minérios e Derivados de Petróleo de São Paulo)

Coronel urbano expulsa morador

Sou um morador da Avenida Roberto Kennedy, 2.788, em Santo Amaro, num casarão abandonado nas terras de um coronel que tem ali uma chácara com criação de bodes e cabras, e uma casa luxuosa.

No dia 7 de janeiro último um de seus funcionários me comunicou que tinha 24 horas para deixar o local. Esse "coronel", Armando Vazone, tem diversos funcionários com 6 e até mais anos trabalhando em sua chácara sem registro nem carteira e ganhando aproximadamente Cr\$ 100 mil por

mês para sustentar suas famílias.

Os empregados não têm direito a férias, a 13º, salário família, assistência médica e nenhum outro direito. Simplesmente acatam ordens.

São pessoas extremamente simples que desconhecem seus direitos. Como dialoguei com os empregados dessa chácara a respeito de carteira de trabalho, o "coronel" me expulsou da casa abandonada em que estou morando. (A.A.N. — Mogi das Cruzes, São Paulo)

Trabalhadora da SSP-BA repudia ação policial

É lamentável o fato a que a população da Bahia está assistindo ultimamente.

Tenho dez anos de serviço na Secretaria de Segurança Pública e não me recordo de ter visto nada parecido. Sendo funcionária de um governo, numa função importante, mas sem exercer cargo de confiança, vivo hoje, tanto quanto os demais companheiros, num clima de insegurança total, haja visto termos à frente da SSP alguém como o cel. Bião, nada mais nada menos que um radical da direita.

É de estarrecer que um secretário de Estado tome atitudes como as anunciadas na revista Veja, dia 29/11/84, que diz o seguinte: "... na noite do dia 3 de setembro, na praia de Itapoã, uma viatura do 5º Batalhão da PM surpreendeu quatro bruxos que prega-

vam cartazes e faziam pichações em nome dos comunistas, a favor de Tancredo. O comandante da guarnição, um capitão, desceu do carro e deu voz de prisão aos supostos comunistas. Em seguida, o líder do grupo identificou-se como major do Exército e informou ao capitão que estava no cumprimento de uma missão autorizada pelo secretário de Segurança Pública Antônio Bião Martins Luna, coronel da reserva, ex-chefe de seção de informações da VI Região Militar, com sede em Salvador, e um dos implantadores do DOI-CODI no Estado, no início da década de 70". Esperamos, pois, funcionários e povo do Estado da Bahia, que S. Excia., o governador João Durval Carneiro, trate de dar uma boa explicação para o ocorrido. (uma funcionária da SSP — Salvador, Bahia)

Creche merece maior atenção do governo

A infância tem sido a maior vítima do processo elitista e arbitrário que imperou no Brasil. Nosso país é essencialmente jovem. Segundo dados do IBGE, em 1980 dos 119 milhões de habitantes cerca de 60 milhões tinham menos de 20 anos. Na faixa de 0 a 6 anos havia 22 milhões de crianças, sendo que destas 70% provenientes de famílias de baixa renda, com rendimentos mensais de até dois salários-mínimos. Doze milhões destas crianças são desnutridas. E enquanto nascem cerca de três milhões de brasileiros por ano, 315 mil morrem antes de completar um ano de idade, vítimas da desnutrição e de doenças infecto-contagiosas.

Por outro lado, há uma significativa parcela de mães integradas no mercado de trabalho. Já em 1977

este número chegava a seis milhões.

A Comissão de Creche do Conselho Estadual da Condição Feminina pôde constatar que em São Paulo não tem sido cumprido o artigo 389 da CLT que obriga as empresas com mais de 30 funcionários acima de 16 anos a terem creche. Havia apenas 40 creches para milhares de indústrias...

Diante deste quadro esperamos que o novo governo corrija o mais rapidamente possível uma omissão dos governos anteriores quanto à implantação de creches, atendendo às necessidades básicas das crianças. Este compromisso deve ser assumido também com mais vigor por entidades de bairro, pelo movimento sindical e popular. (Maria Amélia Teles, União de Mulheres de São Paulo)

Luís Pereira engrossa a lista dos desempregados

O futebol, como nenhum outro esporte no país, tem uma história que mais se assemelha, em algumas passagens, a um roteiro de novela romântica. Episódios dramáticos, exemplos de dedicação apaixonada, fibra, amor e raça, tais são os componentes desse enredo que desde o início do século encanta e enfeitiça o povo brasileiro.

Os clubes, com suas cores, emblemas e mascotes característicos, materializam a maior demonstração da paixão que o futebol desperta. Cada um deles é identificado por setores sociais específicos e traduzem habilidades e qualidades especiais. O Corinthians e o Flamengo tocam fundo na preferência das camadas menos favorecidas da população e simbolizam o estilo vibrante e cheio de raça no futebol. O Palmeiras e o Vasco da Gama têm sua história vinculada à imigração européia do início do século, monopolizando a torcida dos descendentes de italianos e portugueses. E o Palmeiras carrega ainda a fama de praticar um futebol clássico, frio e envolvente, daí ter sido conhecido como Academia, apelido que ganhou pelas equipes imbatíveis que formou em 1965 e em 1972.

Esse grande patrimônio de tradição e beleza histórica, todavia, foi construído apenas por dois personagens: o anônimo torcedor e o jogador imortalizado pelos anos de dedicação ao clube. E esses dois incansáveis carpinteiros deram demonstrações inesquecíveis de brio e amor ao esporte. Em 1976, por exemplo, quando os corintianos ocuparam metade do Maracanã, nas semifinais do campeonato nacional num jogo contra o Fluminense. Ou em 1966, quando o valente Almir, o Pernambuquinho, armou um panfô dentro de campo fazendo o juiz encerrar a partida antes que o Bangu massacrasse o seu Flamengo na final do campeonato carioca. Ou ainda como Dudu, volante do Palmeiras, que em 74 terminou a final do campeonato paulista, contra o Corinthians, com duas costelas trincadas, mas sem abandonar o comando da equipe na difícil conquista do título.

Mas, por ironia e castigo da estrutura do futebol, esses estandartes da beleza do esporte são os mais duramente desprezados pelos clubes a que somente engrandeceram. O caso de Mané Garrincha é recente, e todos conhecem o seu triste final. Paulinho de Almeida, centroavante do Botafogo nos anos 60, faleceu recentemente na Argentina,

destituído de qualquer assistência. Quarentinha, grande meia do mesmo Botafogo na mesma época, foi preso no início do ano passado acusado de desviar mercadoria da firma onde trabalhava. Casos como esses se sucedem com lamentável frequência.

A vítima mais recente é Luís Pereira, brioso zagueiro central do Palmeiras. “Chevrolet”, como é chamado carinhosamente pela torcida, jogou no Palmeiras de 1969 até 1974, formando uma das maiores equipes já existentes na história do clube. Foi titular absoluto na seleção brasileira de 1972 até 1974, quando se transferiu para o futebol espanhol. Em 1980, após rápida passagem pelo Flamengo, retornou ao Parque Antártica.

Seu estilo de jogo limpo, firme e vistoso, o coloca, ao lado de Domingos da Guia, como um dos maiores zagueiros da história do futebol brasileiro. Os torcedores dispensam para ele carinho especial, pelo espírito de luta e pela fibra que exibe dentro de campo. Não foram poucas as vezes que Pereirão decidiu partidas difíceis, no finalzinho do tempo de jogo, fazendo o milagroso gol que os atacantes não conseguiam fazer.

Luís Pereira foi o capitão do Palmeiras na temporada passada, um dos destaques da equipe, e é o maior ídolo da torcida esmeraldina. Mas, desde que assumiu a nova diretoria, está sem emprego. Os magnânimos cartolas deram-lhe passe livre, deixando para sua escolha duas alternativas: procurar outro clube ou treinar em separado. E ainda afirmam ter feito isso para premiar o atleta, quando se sabe que o passe se desvaloriza sobremaneira quando é negociado pelo próprio atleta em lugar do clube. Procedem dessa forma desrespeitosa com um craque em boa forma, amado pela torcida e apaixonado pelo clube. O que não fazem com os novatos, os veteranos em final de carreira, os astros já esquecidos pelas manchetes? Não é preciso responder.

(Jessé Madureira)



Fernão Velho, a cidade alagoana retratada em “Memória da Vida e do Trabalho”, de Celso Brandão

Memórias de uma cidade operária de Alagoas

Memória da Vida e do Trabalho, de Celso Brandão, é o primeiro filme alagoano a levantar e a aprofundar a questão do operário fabril daquele Estado. O filme tem como fonte de inspiração os trabalhos dos antropólogos José Sérgio Lopes e Rosilene Alvim, publicados em “Mudanças Sociais no Nordeste”.

Na filmografia alagoana a luta de classes e a condição do trabalhador merecem as atenções em dois importantes trabalhos em Super-8: “Severino, o Homem que Jantou o Filho” (1975), de Joaquim Alves, prêmio no Festival Nacional de Curitiba; e “Patrão”, de José Márcio Passos, prêmio de Melhor Fotografia para Benvau Fon no VI Festival do Cinema Brasileiro de Penedo, 1980. No primeiro, uma visão da condição de extrema miséria de um cortador de cana, culminando em tragédia. No de J. M. Passos, um vislumbre de esperança: através de um mestre de Reizado os trabalhadores rurais são chamados

para a organização de um sindicato, para juntos lutarem por seus direitos.

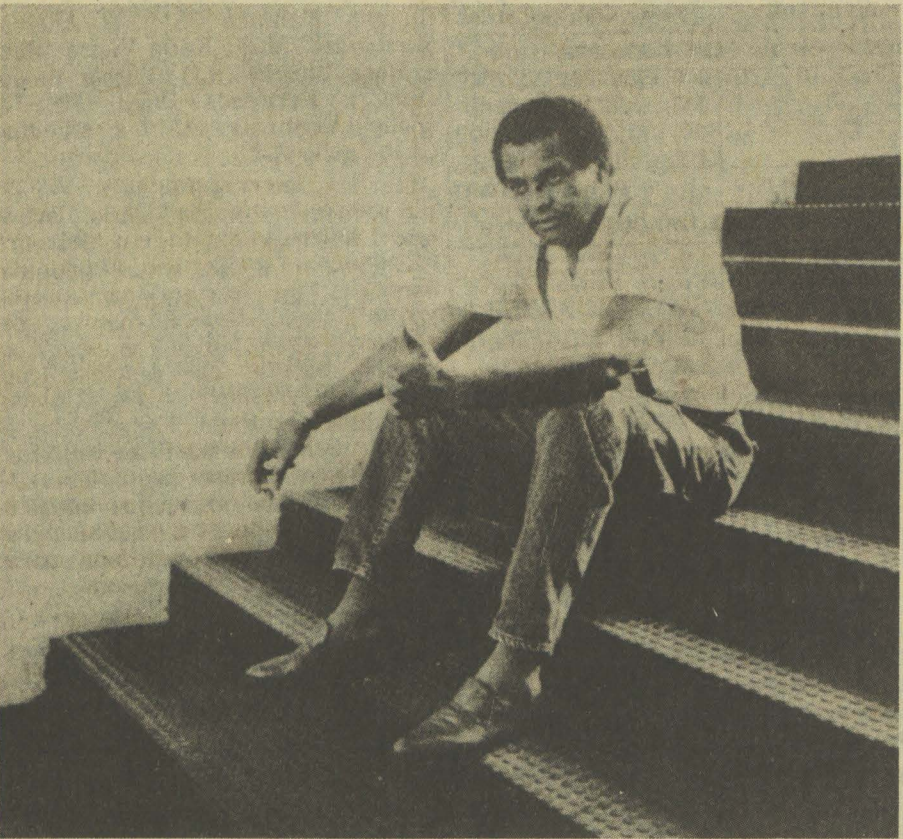
Celso Brandão é realizador que mais vezes contribuiu para a cinematografia alagoana. Memórias da Vida e do Trabalho, com excelente fotografia de Benvau Fon, é o seu 25º filme e reúne nos seus 22 minutos uma variedade de depoimentos de operários, ex-líder sindical, um ex-padre e gente humilde de Fernão Velho, uma cidade de formação fabril. O cineasta procura contrapor os relatos dos operários construindo uma rica e variada gama de interpretações e revelações de suas vidas e árdua

labuta. À medida que o filme se desenrola, se agiganta na tela o drama de uma cidade e de uma classe trabalhadora que sentem o peso e o medo da estagnação industrial, fazendo com que os fantasmas do desemprego e da falência assustem suas vidas.

A película deixa transparecer que toda a situação de instabilidade sobre as poucas fábricas têxteis em Alagoas se prende, dentre outras questões, a uma visão não muito diferente dos tempos dos engenhos. A cidade surgiu da fábrica. As casas pertencem à fábrica, a igreja, etc. Na região imperava a lei da fábrica. Tanto que em um dos depoimentos há uma severa acusação de que havia uma espécie de “polícia” para prender e espancar os operários que se rebelassem contra as injustiças do sistema feudal-fabril. E se alguém reclamasse a alguma autoridade de Ma-

ceió, tinha como resposta: “Ali é uma propriedade privada”...

Memória da Vida e do Trabalho confirma mais uma vez a aguda e exuberante sensibilidade do cineasta Celso Brandão no trato com as pessoas do povo, a quem dedica carinho e respeito. Celso registra momentos poéticos em seus documentários, repletos de uma riqueza e sabor regional que dignificam e dimensionam seus trabalhos. O sentimento de alagoanidade que brota de seus filmes faz com que sua obra tenha profundos e estreitos vínculos com a beleza e o brilho nativistas que jorram abundantemente nos filmes de Humberto Mauro. Sem dúvida alguma, Celso Brandão é o discípulo mais aplicado dos métodos da escola Humbertomaureana. (Elnaldo Barros, professor de Arte Cinematográfica, autor do livro “Panorama do Cinema Alagoano”)



Agora ou Luís Pereira procura outro clube, ou treina em separado

Leia e estude o marxismo-leninismo

NOVA LISTA DE PREÇOS E TÍTULOS

Marx e Engels
O Manifesto Comunista — Cr\$ 3.400 Sobre a literatura e a arte — Cr\$ 7.800 Obras escolhidas — 3 volumes — cada volume Cr\$ 20.000 Ideologia Alemã — Cr\$ 8.400
Engels
Dialética da Natureza — Cr\$ 13.350 Anti-Dühring — Cr\$ 13.750 A origem da família, da propriedade privada e do Estado — Cr\$ 9.400 Do socialismo utópico ao socialismo científico — Cr\$ 5.600 O papel do trabalho na transformação do macaco em homem — Cr 2.700
Marx
Liberdade de imprensa Trabalho assalariado e capital — Cr\$ 3.300 Salário, preço e lucro — Cr\$ 3.900 A origem do capital — Cr\$ 9.800 Miséria da Filosofia — Cr\$ 5.200.
Lênin
As 3 fontes e as 3 partes constitutivas do marxismo — Cr\$ 5.800 O trabalho do Partido entre as massas — Cr\$ 5.000 Sobre os sindicatos — Cr\$ 5.000 O programa agrário — Cr\$ 5.000 O que fazer? — Cr\$ 10.200 O estado e a revolução — Cr\$ 10.300 Esquerdismo, doença infantil do comunismo — Cr\$ 9.800 Imperialismo, fase superior do capitalismo — Cr\$ 8.700 A revolução proletária e o renegado Kautsky — Cr\$ 5.000 Teses de Abril — Cr\$ 4.000 Como iludir o povo — Cr\$ 3.900

Stálin
Fundamentos do leninismo — Cr\$ 8.800 O marxismo e o problema nacional e colonial — Cr\$ 5.000 Materialismo dialético e histórico — Cr\$ 3.900
Enver Hoxha
Reflexões sobre China — 2 volumes — cada volume Cr\$ 10.000 Les Titistes — Cr\$ 5.000 Imperialismo y Revolución — Cr\$ 5.000 Discurso aos eleitores — Cr\$ 1.500 O Eurocomunismo é anticomunismo — Cr\$ 6.000
João Amazonas
Socialismo, ideal da classe operária, aspiração de todos os povos — Cr\$ 4.000 Pela liberdade, pela democracia popular — Cr\$ 3.000 O revisionismo chinês de Mao Tséung — Cr\$ 3.000 A atuação dos trotskistas no PT — Cr\$ 500
OUTROS AUTORES
Marx, o homem, o pensador e o revolucionário — D. Rizanov — Cr\$ 9.800 Dez dias que abalaram o mundo — John Reed — Cr\$ 17.500 Greves operárias na Bahia — Renildo Souza — Cr\$ 2.000 Princípios fundamentais do marxismo — Plekhanov — Cr\$ 7.600 A questão agrária — Kautsky — Cr\$ 7.000 Itinerário de lutas do PC do Brasil — Haroldo Lima — Cr\$ 2.000 Socialismo na Albânia — Jaime Saatchuk — Cr\$ 13.000 Em defesa dos direitos e da emancipação da mulher — Luísa Moraes e textos de Marx, Engels, Lênin e Auguste Bebel — Cr\$ 2.000 História da riqueza do homem — Léon Huberman — Cr\$ 14.000.

Pedidos com o envio de cheque nominal à Editora Anita Garibaldi, rua Brigadeiro Luís Antônio, 317, sala 43, CEP 01317 - Fone 34-0689 - São Paulo.

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011).
Telex: 01132133 TLOBR.
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja. CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone 237-6644 - CEP 69000.
BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1 - Centro - CEP 45600. Ilhéus: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A - CEP 44060 - Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500. SALVADOR: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesit) - CEP 43700. DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Vianência IV - sala 312 - CEP 70302. CEARÁ - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000.

Tribuna Operária

Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100. ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000. GOIÁS - Goiânia: Rua 27, n.º 69 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100. MARANHÃO - São Luís: Rua da Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000. MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone 321-5095 - CEP 78000. MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Góes, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100. MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000. Juiz

de Fora: Galeria Constança Valadães, 3º andar, sala 411 - CEP 36100. PARA - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000. PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 - Calçadão - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100. PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428 - CEP 80000. Fone: 234-7484. Londrina: Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100. PIAUÍ - Teresina: Rua Barroso, 144 - 1º andar, sala 4 - CEP 64000. PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigário Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista. RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alecrim - CEP 59000. RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua General Câmara 52, sala

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) ☐ Cr\$ 70.000,00
Anual popular (52 edições) ☐ Cr\$ 35.000,00
Semestral (26 edições) ☐ Cr\$ 32.800,00
Semestral popular (26 edições) ☐ Cr\$ 16.400,00
Anual para o exterior (em dólares) ☐ US\$ 70,00

NOME: _____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____
CIDADE: _____ CEP: _____
ESTADO: _____
PROFISSÃO: _____ DATA: _____

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi, Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Receba em casa a Tribuna Operária fazendo já a sua assinatura!

Tribuna Operária
300 PMs caçam posseiros no Pará



Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Povo festeja vitória democrática

Foi uma explosão de alegria. De Norte a Sul do país, o povo brasileiro voltou às ruas espontaneamente, para comemorar com entusiasmo a eleição de Tancredo Neves à Presidência da República no dia 15, vitória que marcou o fim do regime militar e de 21 anos de opressão. E o alvorecer de uma nova época, de esperança e liberdade.

Em Brasília, centro das atenções do país, enquanto os membros do Colégio Eleitoral apresentavam seus votos, uma grande massa se juntou diante do edifício do Congresso Nacional e acompanhou atentamente a eleição. Vibrava a cada voto dado a Tancredo Neves e era como se a votação estivesse sendo resolvida ali fora, pelo próprio povo.

Fogos, aplausos e muito samba: o povo comemora em Brasília

A concentração, convocada pelas forças oposicionistas do Distrito Federal, foi animada por uma bateria de escola de samba, grupos de bumba meu boi, além de diversos artistas populares. No 344º voto, que tornou irreversível a vitória de Tancredo, a explosão foi incontrolável: fogos de artifício, aplausos, gritos, batucadas, lágrimas e muitos abraços emocionados. A chuva que ameaçava desde cedo começou a cair, mas os populares continuaram dançando ao som da batucada.

Centenas de pessoas levantaram uma imensa bandeira do Brasil, colocada sobre o gramado, e passaram a desfilar sobre o prédio do Congresso enquanto gritavam que acabou a ditadura, que o povo unido jamais será vencido, e cantavam o Hino Nacional. Um grupo cobriu-se com o estandarte do PC do Brasil e fez diversas evoluções na rampa do Congresso, sob aplausos dos presentes. Em dezenas de áreas da cidade foram promovidas festas para comemorar a vitória de Tancredo.

No Rio, a eleição de Tancredo foi recebida com um carnaval como não se via há muito tempo. Chegou a ser calculado em torno de 300 mil o número de pessoas que participaram dos festejos pelo fim da ditadura no centro da cidade. No "Rock In Rio", que reuniu um público de 50 mil, os jovens enfeitaram o festival de verde e amarelo e bandeiras do Brasil para festejar a vitória de Tancredo. Todos os artistas brasileiros que se apresentavam no festival fizeram referências ao assunto no palco: Ivan Lins, Moraes Moreira, Elba Ramalho, Lulu Santos, Alceu Valença e outros torceram e aplaudiram a vitória oposicionista. Um jovem, entrevistado, declarou: "Não somos alienados. Estamos acompanhando o que acontece e vibrando com a vitória do Tancredo".

"Acabou a ditadura, chora Figueiredo, já chegou a sua hora"

Na Cinelândia, uma multidão ansiosa aguardava desde cedo o início da votação no Colégio. O sistema de som do palanque armado pelo PMDB entrou em funcionamento durante o discurso de Ulysses Guimarães, sob aplausos que tomaram conta da praça. Já o discurso de Maluf foi recebido com uma vaia ensurdecedora e gritos de "ladrão, corrupto". Iniciada a votação, cada voto para Tancredo era recebido com uma salva de palmas. Quando Agnaldo Timóteo votou, um gigantesco coro de protesto popular tomou conta da Cinelândia, enquanto Mário Juruna foi o mais aplaudido pelo público.

Quando o número de votos de Tancredo alcançou 300 o povo, de mãos dadas, acenando bandeiras e cartazes, começou a cantar: "Ai, ai, ai, ai, tá chegando a hora" e "chora Fi-

gueiredo, Figueiredo chora, já chegou a sua hora". No 344º voto houve fogos de artifício, choros, confetes, abraços, gritos — uma emoção indescritível.

À tarde, continuou a chegar gente na praça e o povo ainda ouviu, com atenção, o discurso de lideranças oposicionistas, entre elas um representante da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil. À noite, um grande carnaval dominou as ruas do Rio.

Mais de 20 mil pessoas acompanharam a eleição de Tancredo da Praça da Sé, em São Paulo. Apesar da precariedade do som (o PMDB prome-

teu instalar um telão, o que não chegou a ocorrer devido a problemas técnicos), a multidão seguiu com atenção a contagem dos votos. Ao ser anunciado o discurso de Maluf, o povo respondeu vaiando e gritando "fora Maluf, sai ladrão", e com esse espírito manifestou-se durante toda a fala do odiado "trombadinha".

A altura de 255 votos para Tancredo (Maluf com 100), o povo já gritava: "Já ganhou, já ganhou". E não parava de cantar "chora Figueiredo", gritar palavras de ordem pedindo a prisão de Maluf e o fim do regime militar.



Todos esperam mudanças

Não só na Praça da Sé, também em rodas nas ruas, bares e lojas, locais de trabalho e residências, o povo paulista (como todos os brasileiros) acompanhou atentamente a reunião do Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo presidente. O assunto dominou o dia e a noite da maioria da população, que manifesta grande esperança no governo oposicionista a ser empossado dia 15 de março.

A enfermeira Gleicilla de Oliveira Lima, de 53 anos e com um salário de Cr\$ 210 mil mensais, espera, por exemplo, que o governo Tancredo "não pague mais a dívida externa às custas do povo". Desde cedo na Sé, acompanhando a votação e a festa da vitória, ela acha que "agora será dada uma solução para o problema do desemprego, que eu sei bem o que é, pois passei um ano e meio procurando trabalho e batendo de porta em porta nas empresas sem conseguir nada". E acrescenta: "Tenho confiança e espero não sofrer desilusão".

José Gilda da Silva, 24 anos, solteiro, segurança do Serpro, afirma: "A esperança é muito grande. Além de acabar com a fome, o desemprego e a violência, é preciso dar liberdade para todos os partidos políticos e controlar mais rigorosamente as multinacionais. Todo mundo espera isso do Tancredo". Da mesma forma, o lubrificador da Antártica na Moóca, Paulo Rodrigues Rocha, 26 anos, solteiro, assegura que "todos os trabalhadores torceram pelo Tancredo porque estão esperando melhorias, querem mais emprego e menos inflação e lutam contra os generais".

Em Belo Horizonte, a dona de casa Maria Inês Goes, de 57 anos, era o retrato da alegria depois de confirmada a vitória de Tancredo Neves. "Estou aqui representando toda minha família, a euforia é muito grande porque o país vai mudar", dizia. Na mesma cidade, o estudante Regis Teixeira Matos, de apenas 12 anos, resumiu sua impressão: "Essa vitória faz os militares voltarem para o quartel".

No momento em que foi dado o 344º voto, a multidão delirou e irrompeu num grande carnaval. Vários artistas, conjuntos musicais e escolas de samba participaram da festa e às 19 horas foi feita uma passeata até a avenida Paulista, onde a comemoração acabou em carnaval.

Na Praça da Sé tremulavam várias bandeiras, inclusive uma do PT. Uma bateria da Legalidade do Partido Comunista do Brasil ajudou a alegrar a festa e adquiriu grande simpatia dos presentes. Várias bandeiras e populares vestidos com camisas vermelhas pedindo a legal-

dade do PC do Brasil marcaram a presença dos comunistas. À noite, na Paulista, integrantes da Comissão pela Legalidade do Partido levaram o "Jornal Mural da Classe Operária", que noticiou em primeira mão a vitória de Tancredo.

Em Belo Horizonte, com a cidade cheia de faixas saudando o novo presidente, a festa começou cedo e mais de 15 mil pessoas se reuniram na Praça da Liberdade para acompanhar a votação no Colégio e comemorar a vitória de Tancredo. Muitos fogos, buzinações, faixas, cartazes e bandeiras de

todos os partidos oposicionistas (inclusive do PC do Brasil), dominaram a capital mineira, que viveu no dia 15 um clima de grande euforia e esperanças.

Comunistas noticiam em primeira mão a vitória de Tancredo

Milhares de pessoas foram à Praça Cívica de Goiânia festejar o fim da ditadura. Uma grande cobra de pano com a inscrição "Tancredo-Muda Brasil" perseguiu um rato representando Maluf durante a eleição, acabando por engoli-lo quando foi anunciada a vitória do candidato oposicionista, o que causou grande alegria entre os populares.

Entre 40 a 50 mil pessoas participaram da festa organizada em Porto Alegre para comemorar a vitória de Tancredo e que varou a madrugada — foi grande a presença do Partido Comunista do Brasil. Em Salvador, na Bahia, milhares acompanharam a votação e à tarde cerca de 10 mil pulavam na colina do Bonfim ao som de trios elétricos comemorando o fim do regime. Em Maceió, houve uma explosão de alegria na Praça dos Martírios quando foi anunciado o voto da vitória (o 344º), recebido pelo repicar de tambores, de um lado, e a orquestra de frevo do outro. Uma multidão entre 5 a 10 mil pessoas participou do carnaval da mudança. Em Recife e Olinda, a vitória foi comemorada com um buzinação. Na terra de Tancredo (São João Del Rey, Minas Gerais), cerca de 10 mil foram às ruas. Em Fortaleza, houve um verdadeiro carnaval. A despeito da posição do governador catarinense Esperidião Amin (PDS), milhares de populares saíram às ruas de Florianópolis para festejar a vitória de Tancredo. Em São Luís (MA), também milhares tomaram a praça Deodoro e promoveram um grande carnaval. Em Belém, cerca de 10 mil foram às ruas comemorar a vitória da democracia. Em Curitiba, no momento em que foi confirmada a vitória de Tancredo, a multidão concentrada na "Boca Maldita" cantou o Hino Nacional e depois irrompeu em uma grande festa incrementada por dois trios elétricos.

Entre 40 a 50 mil em Porto Alegre. Todo o país foi às ruas

Também em Campo Grande (MS), Aracaju, Teresina, bem como em dezenas de outras cidades brasileiras o povo festejou o fim do regime, num movimento de amplitude somente comparável (e em escala muito maior) à vigília cívica pelas diretas por ocasião da votação da emenda Dante de Oliveira, em 25 de abril de 84 (das sucursais).

Fundação Maurício Grabois